UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DEPARTAMENTO DE BIOQUÍMICA

MESTRADO EM BIOQUÍMICA

CLÉBIA CLERIANE PEREIRA RABÊLO

ISOLAMENTO E CARACTERIZAÇÃO PARCIAL DE LECTINAS EM SEMENTES DE *Capparis yco*

Dissertação apresentada ao Mestrado em Bioquímica do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, como requisito para obtenção do título de Mestre em Bioquímica.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Maria Guedes Paiva

Co-orientadora: Profa. Dra. Luana Cassandra Breitenbach Barroso Coelho

RECIFE | 2005

Rabêlo, Clébia Cleriane Pereira
Isolamento e caracterização parcial de lectinas em sementes de *Capparis yco* / Clébia Cleriane Pereira Rabêlo. – Recife: O Autor, 2005.
xiii, 54 folhas: il., fig.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCB. Bioquímica, 2005.

Inclui bibliografia e anexo.

1. Bioquímica – Purificação de proteínas. 2. Lectinas – Isoformas – Purufication e caracterização parcial. 3. *Capparis yco* (Icó-branco) – Sementes – Isolamento de lectinas – Cromatografia de troca-iônica – I. Título.

577.112	**CDU (2.ed)**	**UFPE**
572.69	**CDD (22.ed.)**	**BC2005-183**

FICHA DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora

Orientador:

Dra. Patrícia Maria Guedes Paiva

(UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO)

Examinadores:

1 Examinador

Sandra Rodrigues de Souza

2 Examinador

Maria das Graças Carneiro da Cunha

3 Examinador

Maria Tereza dos Santos Correia

Data de aprovação: 25 de fevereiro de 2005

“ O coração do homem planeja o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos.”

Pv 16:9

A Deus pela dádiva da vida e todas as graças alcançadas. Aos meus pais, Fernando e Marluce Pires, e meus irmãos pela torcida e apoio constantes. Ao meu esposo Daniel pelo imenso companheirismo e amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Professora Doutora Patrícia Maria Guedes Paiva por sua dedicação durante esses anos de trabalho, pela confiança em mim depositada, por suas palavras de incentivo, por sua brilhante orientação científica e por inúmeras outras razões as quais me fazem tê-la como espelho e exemplo a ser seguido.

A Professora Doutora Luana Cassandra Breitenbach Barroso Coelho pela oportunidade de tê-la como co-orientadora, pela confiança em continuar esta parceria maravilhosa no Doutorado em Ciências Biológicas e suas sábias palavras sempre nas horas mais oportunas.

A Professora Doutora Maria Tereza dos Santos Correia pela sua acolhida terna no Departamento de Bioquímica desde a monitoria, por estes anos de atenção e apoio inestimáveis.

A Maria Barbosa Reis por todos esses anos de convivência amigável, de respeito e trabalho árduo no Laboratório, ensinando-me pacientemente as técnicas desenvolvidas neste trabalho.

A todos que compõem o Laboratório de Glicoproteínas pelo dia-a-dia que, apesar de cansativo, nunca se tornara monótono ou triste. Ao carinho especial de colegas como Andréa Santos, Antônio, Adriana, Cintia Brito, Cynthia, Daniele, Flávia, Jessoneide, Mariana, Marília, Michelle, Nathália, Neila, Regina, Renata, Rodrigo e Vanessa.

A minha amiga Elba Verônica que está sempre comigo de mãos estendidas para ajudar no que for preciso.

Aos meus colegas e amigos do Mestrado: Ana Helena, Amanda, Aurelino, Bianka, Carlos, Eduardo, Gilvanely, Joelma, Márcio e Mônica. Nunca esquecerei dos bons momentos que compartilhamos ao longo desta jornada.

Aos professores do Departamento de Bioquímica pela torcida e apoio, como especial menção ao Doutor Nicácio Henrique da Silva, Doutora Maria da Paz e Doutora Vera Menezes.

Aos funcionários do Departamento de Bioquímica por fazerem desta casa ambiente salutar de trabalho, especialmente, João Virgílio, Miron e Neide.

A minha família, hoje ainda maior pela minha união com meu esposo Daniel que me proporcionou novos pais, irmãos, tios e primos. A minha irmã Karla Pires pela ajuda imprescindível no *design* gráfico dos trabalhos.

Aos amigos Antônio e Aníbal e minha prima Marta pela acolhida e grande ajuda quando estive em São José do Belmonte para a coleta da planta.

Ao CNPq pelo suporte financeiro.

A todos que de uma forma ou de outra me prestigiaram em mais esta importante conquista em minha vida.

LISTA DE ABREVIATURAS

AH	Atividade hemaglutinante
AHE	Atividade hemaglutinante específica
CM	Carboximetil
Con A	Concanavalina A (lectina de *Canavalia ensiformis*)
CySeL	Lectina de semente de *Capparis yco*
DEAE	Dietilaminoetil
EDTA	Ácido etilenodiaminotetracético
PAGE	Eletroforese em gel de poliacrilamida
PHA	Hemaglutinina de *Phaseolus vulgaris*
RIP-2	Proteína inativadora de ribossomo tipo 2
SDS	Dodecilsulfato de sódio
WGA	Aglutinina de gérmen de trigo

LISTA DE FIGURAS

SUMÁRIO

RESUMO

Purificação de formas moleculares múltiplas da lectina de sementes de *Capparis yco* (CySeL) foi desenvolvida através de fracionamento com sulfato de amônio e cromatografia das frações (F) em CM-Celulose. O protocolo foi efetivo para obter, a partir das F20-40 e F40-80, $CySeL_I$ (12 mg) e $CySeL_2$ (9 mg), respectivamente; adicionalmente revelou diferenças nas propriedades de cargas das isoformas. Cromatografia em coluna de Hitrap SP, não foi eficiente na separação das isoformas. $CySeL_I$ e $CySeL_2$ foram inespecíficas para eritrócitos humanos e elevadas atividades hemaglutinantes específicas (AHE) foram detectadas com células de coelho. AH de $CySeL_I$ foi inibida com monossacarídeos e glicoproteínas, enquanto $CySeL_2$ reconheceu somente glicoproteínas. Cromatografia de afinidade em coluna de fetuína-agarose mostrou que a AH da F20-40 foi mais retida do que a AH da F40-80. O valor de pH e a presença de íons interferiram diferentemente na AH das isoformas; somente $CySeL_2$ permaneceu ativa em pH 10 e foi estimulada por 40 mM de Ca^{2+} e Mg^{2+}. $CySeL_I$ e $CySeL_2$ apresentaram o mesmo padrão eletroforético. Em PAGE sob condições nativas, três bandas protéicas que foram extraídas do gel mostraram AH; SDS-PAGE na presença de β-mercaptoetanol revelou dois polipeptídeos de Mr 15 e 14 kDa. Coloração do gel para carboidratos mostrou a natureza glicoprotéica da subunidade de 14 kDa. Quantidades miligramas de isoformas da lectina de sementes de C. *yco* foram obtidas. As diferenças estruturais de $CySeL_I$ e $CySeL_2$ detectadas na cromatografia em CM-Celulose, inibição da AH com monossacarídeos e efeito do pH e ions na AH associado ao elevado rendimento

da purificação das proteínas, indicam a potencial utilização de $CySeL_1$ e $CySeL_2$ em investigações estruturais e de aplicação biotecnológica.

SUMMARY

Purification of multiple molecular forms from *Capparis yco* seed lectin (CySeL) was achieved by ammonium sulphate fractionation of extract, followed by ion exchange chromatography of fractions (F) on CM-Cellulose column. The protocol was efficient to obtain from F20-40 and F40-80, $CySeL_1$ (12 mg) and $CySeL_2$ (9 mg), respectively; additionally revealed differences in isoforms charge properties. Chromatography on cation exchange Hitrap SP was not efficient to separete isoforms. The lectins were non-specific to human erythrocytes and high specific hemagglutinating activities (SHA) were detected with rabbit cells. HA of $CySeL_1$ was inhibited with monosaccharides and glycoproteins, while $CySeL_2$ recognized only glycoproteins. Affinity chromatography on fetuin-agarose column showed that F20-40 HA was more retained on column than F40-80 HA. The pH value and presence of ions interfered differently on isoforms HA; only $CySeL_2$ remained active at pH 10 and was stimulated by 40 mM Ca^{2+} and Mg^{2+}. $CySeL_1$ and $CySeL_2$ had the same electrophoretic patterns. Upon native PAGE, three protein bands that were extracted from gel showed HA; SDS-PAGE with β-mercaptoethanol revealed two polypeptides of Mr 15 and 14 kDa. Carbohydrate staining of gel showed the glycoprotein nature of 14 kDa subunit. The protocol used was able to isolate, in milligram quantities, lectin isoforms from *C. yco* seeds. The $CySeL_1$ and $CySeL_2$ structural differences detected in CM-Cellulose chromatography, inhibition of HA with monosaccharide and effect of pH and ions on HA associated to high yield

purification of proteins indicated their potencial use in structural and biotechnological applications.

INTRODUÇÃO

Lectinas

Por volta do final do século 19, evidências começavam a se acumular com relação à presença na natureza de proteínas que possuíam a habilidade de aglutinar eritrócitos. Tais proteínas eram referidas como hemaglutininas ou fitoaglutininas, pois foram originalmente encontradas em extratos de plantas. A primeira descrição de uma hemaglutinina foi feita por Peter Hermann Stillmark em 1888. Esta possuía alta toxicidade e foi isolada de sementes de feijão castor (*Ricinus communis*), chamada assim de ricina. Subseqüentemente, H. Hellin demonstrou a presença de uma hemaglutinina, igualmente tóxica, abrina, em extratos de feijão jequiriti (*Abrus precatorius*). Ricina e abrina logo estavam disponíveis comercialmente, e Paul Ehrlich as empregou como modelos de antígenos para estudos imunológicos.

Em 1919, James B. Sumner isolou de *Canavalia ensiformis* uma proteína que chamou de concanavalina A (Con A), sendo obtida pela primeira vez uma hemaglutinina pura. Sumner e Howell em 1936 relataram que a Con A aglutinava células como eritrócitos e leveduras e também precipitava o glicogênio em solução. Ainda demonstraram que a hemaglutinação proporcionada pela Con A era inibida por sacarose, sendo observada pela primeira vez a especificidade a carboidratos das lectinas. Com isso sugeriram que a hemaglutinação induzida pela Con A poderia ser uma conseqüência da reação da proteína com os carboidratos da superfície das células vermelhas. Estas observações foram corroboradas por Karl Landsteiner, o

descobridor dos grupos sanguíneos humanos A, B e O em 1900. Aproximadamente uma década depois ele relatou que a atividade hemaglutinante de vários extratos de sementes era diferente quando testada com eritrócitos de diferentes animais. A especificidade a diferentes tipos sangüíneos das hemaglutininas desempenhou papel crucial nas primeiras investigações a cerca das bases estruturais da especificidade de antígenos associados com os grupos sangüíneos do sistema ABO.

A habilidade das hemaglutininas de plantas em distinguir eritrócitos de diferentes tipos sanguíneos levou Boyd e Shapleigh, em 1954, proporem o nome lectinas, do latim *legere*, que significa escolher, selecionar. Este termo foi então generalizado por Sharon e Lis (1972) para abranger toda aglutinina carboidrato-específica de origem não imune, independentemente de sua fonte e especificidade a tipo sanguíneo.

Duas grandes descobertas feitas nas proximidades dos anos 60 contribuíram enormemente para trazer as lectinas ao centro das atenções. A primeira delas foi feita por Peter C. Nowell que descobriu que a lectina de *Phaseolus vulgaris* conhecida como fitohemaglutinina (PHA) era mitogênica, isto é, que possuía a habilidade de estimular linfócitos a sofrer mitose. Em um curto espaço de tempo, outras lectinas vieram ser comprovadas como mitogênicas, inclusive a Con A que, diferentemente de PHA tinha sua atividade mitogênica inibida com baixas concentrações de monossacarídeos, por exemplo, manose. Esta descoberta forneceu provas que a estimulação mitogênica era resultado da ligação das lectinas aos carboidratos existentes na superfície dos linfócitos (SHARON e LIS, 1987). Lectinas mitogênicas logo se tornaram ferramentas para estudos da transmissão de sinais intracelulares e

análise de eventos bioquímicos que ocorrem durante a estimulação linfocitária *in vitro* (SHARON e LIS, 2004). A segunda descoberta foi feita por Joseph C. Aub em 1965. Ele descobriu que a aglutinina de gérmen de trigo (WGA) tinha a habilidade de aglutinar preferencialmente células malignas. Investigações desta natureza forneceram evidências de que mudanças em carboidratos da superfície celular estavam associadas com o desenvolvimento do câncer (REMMELINK *et al*., 1999).

Até a década de 70, a presença de lectinas tinha sido referida em inúmeros organismos, primariamente em plantas, mas poucas haviam sido purificadas por técnicas convencionais. A velocidade de isolamento de lectinas aumentou dramaticamente com a introdução, por Irwin J. Goldstein e Bipin B. L. Agrawal, da cromatografia de afinidade em procedimentos de purificação de lectinas. O interesse em lectinas advém de sua utilização como ferramentas para a detecção, isolamento e caracterização de glicoconjugados, para estudos histoquímicos de células e tecidos e para analisar mudanças que ocorrem na superfície celular durante processos fisiológicos e patológicos (SHARON e LIS, 2004).

A presença de lectinas, em material biológico, é principalmente detectada através de ensaio de hemaglutinação, no qual uma diluição em série da lectina é realizada antes da incubação com eritrócitos humanos ou de outros animais (BLADIER, 1989). Estas proteínas são amplamente distribuídas na natureza, sendo encontradas em seres unicelulares (KAWAGISHI *et al*., 2001) e pluricelulares animais (DUNPHY *et al*., 2002) e vegetais (BRANCO *et al*., 2004). Nas plantas, são purificadas principalmente de sementes, chegando a constituir até 10% da proteína total (SHARON e LIS, 1990). A localização intracelular da maioria das lectinas nos

órgãos de estoque ocorre em organelas celulares originadas de vacúolos, como no caso das sementes de leguminosas (BABA *et al*., 1991). São também encontradas, contudo em menor proporção em folhas, frutos, casca de árvores e raízes (PEUMANS e VAN DAMME, 1995).

Goldstein *et al*. (1980) definiram lectinas como proteínas ou glicoproteínas de origem não imunológica que interagem com carboidratos através de pelo menos dois sítios de ligação, aglutinando células vegetais e/ou animais e precipitando polissacarídeo, glicoproteínas e glicolipídios. Esta definição baseia-se na propriedade biológica das lectinas de ligarem-se específica e reversivelmente a carboidratos.

Peumans e Van Damme (1995) redefiniram lectinas considerando que o único pré-requisito para uma proteína ser uma lectina é a presença de pelo menos um domínio não catalítico que se liga reversivelmente a um carboidrato específico. Conseqüentemente, lectinas de plantas podem ser definidas como toda proteína de planta que possui pelo menos um domínio não catalítico que se liga específica e reversivelmente a mono ou oligossacarídeos. Esta nova definição inclui proteínas que têm comportamentos distintos com relação à aglutinação e precipitação de glicoconjugados, tendo como base as características estruturais e não sua capacidade de aglutinação celular.

Baseado em sua estrutura global, três tipos principais de lectinas são distinguidos: merolectinas, hololectinas e quimerolectinas (PEUMANS e VAN DAMME, 1995). Merolectinas são proteínas que possuem exclusivamente um único sítio de ligação a carboidratos. São pequenas (único polipeptídio) e por sua natureza monovalente são incapazes de precipitar glicoconjugados e aglutinar células.

Heveína, proteína obtida do látex da seringueira e as proteínas monoméricas ligadoras de manose de orquídeas são exemplos deste grupo. Hololectinas também possuem exclusivamente sítio de ligação a carboidratos, contudo contém dois ou mais destes sítios que são idênticos ou muito homólogos. Este grupo compreende todas as lectinas que possuem múltiplos sítios de ligação e são, portanto capazes de aglutinar células e/ou precipitar glicoconjugados. A maioria das lectinas de plantas conhecidas são hololectinas, por causa do seu comportamento como hemaglutininas.

Quimerolectinas são proteínas que possuem um ou mais sítios de ligação a carboidratos, juntamente com um sítio com atividade catalítica ou outra atividade biológica que atua independentemente dos sítios de ligação a carboidratos. Dependendo do número de sítios de ligação a carboidratos as quimerolectinas comportam-se como merolectinas ou hololectinas. Por exemplo, proteínas ativadoras de ribossomos tipo 2 (RIP 2) possuem dois sítios de ligação em sua cadeia B (ricina) e aglutinam células, enquanto quitinases de plantas classe I, com um único sítio de ligação à quitina não aglutinam células.

Peumans e Van Damme (1998) sugeriram ainda a introdução de mais um grupo de lectinas, as superlectinas. Estas seriam proteínas que consistem de pelo menos dois sítios de ligação para carboidratos diferentes entre si. A lectina de tulipa, com dois sítios, um específico para manose e outro específico para N-acetilgalactosamina, é um exemplo de superlectina (PEUMANS *et al*., 2001).

Os sítios de ligação para carboidratos das lectinas tendem a ser na superfície da molécula protéica (SHARON e LIS, 1990; GOLDSTEIN, 2002), e a seletividade da

ligação é obtida através de pontes de hidrogênio e interações de van der Walls entre o açúcar e a proteína (SUROLIA *et al.*, 1996; WEIS e DRICKAMER, 1996).

Da mesma forma que ocorrem formas moleculares múltiplas de várias proteínas (HORIGUCHI *et al*., 2005), a presença de lectinas sob formas moleculares múltiplas também tem sido observada em tecidos vegetais (MISHRA *et al*., 2004) e animais (BULGAKOV *et al*., 2004). Entlicher *et al.*, em 1971, sugeriram o termo isofitohemaglutininas para lectinas vegetais de uma mesma fonte, que apresentem praticamente o mesmo peso molecular e propriedades biológicas idênticas, diferindo em suas propriedades iônicas. No mesmo ano, Howard *et al.*, admitiram que as formas moleculares múltiplas da lectina de *Lens culinaris* podiam ser decorrentes de clivagem proteolítica específica de uma forma produzindo a outra, assim como da expressão de genes distintos. Sharon e Lis (1972) sugeriram que isolectinas poderiam ocorrer como produtos de genes intimamente relacionados ou seriam formadas antes ou durante o processo de purificação, como resultado de modificações da cadeia lateral, como hidrólise de grupamentos amino de resíduos de glutamina e asparagina.

Moss (1982) apresenta o termo isoenzimas como formas moleculares múltiplas de uma enzima que ocorrem em uma mesma espécie, como resultado da presença de mais de um gene estrutural. Segundo Lis e Sharon (1986) isolectinas são definidas como um grupo de proteínas intimamente relacionadas que são originadas a partir da expressão de diferentes genes. O termo isoforma é atribuído para formas moleculares de lectinas presentes em uma mesma espécie, cuja heterogeneidade genética não foi definida (PAIVA e COELHO, 1992).

Na purificação de lectinas estão envolvidas técnicas comuns a protocolos de isolamento de proteínas. Em geral, a etapa inicial do isolamento de lectinas de plantas é a preparação de extratos em solução salina (KONOZY *et al*., 2003) ou utilizando tampões (OLIVEIRA *et al*., 2002). Posteriormente para purificação parcial, utiliza-se, na maioria das vezes, a precipitação protéica por tratamento do extrato com sulfato de amônio; as proteínas precipitadas em frações distintas mantêm a sua conformação nativa (COELHO e SILVA, 2000).

As lectinas parcialmente purificadas pelo fracionamento salino são normalmente submetidas a processos cromatográficos convencionais, tais como, cromatografia de troca iônica ou cromatografia de gel filtração. São inúmeras as matrizes disponíveis comercialmente (Sigma, USA) sendo a escolha do tipo de cromatografia e a seleção do suporte cromatográfico em função das propriedades inerentes a lectina. Os critérios de separação correspondem à carga líquida da proteína, em cromatografia de troca iônica e ao seu tamanho molecular, no caso da cromatografia de gel filtração.

Em cromatografia de troca iônica, proteínas são adsorvidas à matriz, devido principalmente a interações eletrostáticas que ocorrem com os grupos carregados imobilizados. Como principais grupamentos carregados ligados a matriz temos o DEAE (dietilaminoetil), grupo positivamente carregado e, portanto, um trocador aniônico e o CM (carboximetil), grupo negativamente carregado, sendo um trocador catiônico. Estes grupamentos estão ligados a uma matriz insolúvel composta geralmente por polímeros como agarose, acrilamida ou celulose (Sigma, USA). As proteínas com nenhuma ou pouca interação com o trocador de íons são excluídas

na etapa inicial de lavagem da coluna com o tampão de equilíbrio; as proteínas adsorvidas à matriz podem ser eluídas pelo aumento da força iônica ou pela mudança do pH da solução eluente. A eluição pode ocorrer pela utilização do gradiente em escada, com o aumento da concentração salina ou valor do pH em valores distintos de forma não contínua (MISHRA *et al*., 2004) ou pelo gradiente linear, onde a alteração do meio cromatográfico ocorre de maneira lenta e gradativa (REGO *et al*., 2002).

Método cromatográfico não convencional, a cromatografia de afinidade, desenvolvida inicialmente por Cuatrecasas *et al*. (1968), baseia-se na propriedade das lectinas de ligarem especificamente e reversivelmente a carboidratos. Sua aceitação em praticamente todos os esquemas de purificação de lectinas de especificidade definida deve-se a vantagens, tais como elevada recuperação e alta especificidade. Neste tipo de cromatografia ocorre a ligação da lectina ao suporte de afinidade e sua posterior dessorção, seja por competição bioespecífica pelo sítio protéico com uma solução contendo um competidor, seja por alteração do pH e da força iônica (KONOZY *et al*., 2003; BANERJEE *et al*., 2004).

As lectinas diferem entre si pela composição e seqüência de aminoácidos na cadeia polipeptídica, quanto ao número de subunidades na estrutura protéica, quanto à necessidade de presença de metais para atividade biológica, bem como na especificidade do sítio de ligação para mono ou oligossacarídeos (KENNEDY *et al*., 1995).

A caracterização de lectinas envolve métodos diversos como: inibição por carboidratos e/ou glicoconjugados, atividade hemaglutinante em presença de íons,

estabilidade da atividade lectínica em função de diferentes valores de pH, bem como técnicas eletroforéticas para indicar basicidade ou acidez da lectina, determinar peso molecular e caracterizá-la como glicoproteína (COELHO e SILVA, 2000).

Testes de inibição da atividade hemaglutinante têm como objetivo conhecer a especificidade de ligação a mono, di ou oligossacarídeos, desde que a especificidade é um critério para classificar lectinas de plantas em seis grupos de reconhecimento a carboidratos: grupo fucose, grupo galactose/N-acetilgalactosamina, grupo N-acetilglicosamina, grupo manose, grupo ácido siálico e grupo glicanos complexos. As lectinas de plantas exibem ampla especificidade para carboidratos, tendo algumas maior afinidade para oligossacarídeos do que para açúcares simples ou possuírem especificidade direcionada a glicanos estranhos (não presentes na própria planta). Lectinas estruturalmente diferentes podem ainda reconhecer o mesmo carboidrato (PEUMANS e VAN DAMME, 1998).

A ligação a carboidratos de algumas lectinas de plantas depende da presença de íons; a presença simultânea do cálcio e um íon metálico de transição foi primeiramente descrito para a Con A (LORIS *et al*., 1998). O ensaio de hemaglutinação em presença de íons, objetiva avaliar a dependência ou não da lectina por íons metálicos para promover a sua atividade biológica; lectina de *Erythrina speciosa* possui Ca^{+2} e Mn^{+2}, e quando tratada com EDTA sua AH é abolida, sendo a mesma recuperada após a adição dos respectivos íons (KONOZY *et al*., 2003). De outra forma, a lectina de *Helianthus tuberosus* não tem sua atividade suprimida quando tratada com EDTA nem necessita de íons metálicos como Ca^{+2}, Mn^{+2} e Mg^{+2} para a mesma (SUSEELAN *et al*., 2002).

A avaliação da AH de lectinas em diferentes condições de pH é de grande valia para a determinação da estabilidade com relação a sua capacidade de ligação a carboidratos e glicoconjugados. Lectinas podem ter sua atividade afetada (KONOZY *et al*., 2003) ou não (WITITSUWANNAKUL *et al.,* 1998) em diferentes faixas de pH.

Eletroforese em gel de poliacrilamida e dodecil sulfato de sódio (SDS-PAGE) é um método rápido, reprodutível e de baixo custo para comparação e caracterização de proteínas. Este método é baseado primariamente no peso molecular destas (LAEMMLI, 1970). O SDS liga-se as porções hidrofóbicas da proteína e o comprimento do complexo SDS-proteína é proporcional ao peso molecular da mesma. É uma importante técnica analítica podendo ser utilizada na análise do grau de pureza de uma proteína, determinação da massa molecular, detecção de proteólise, composição de subunidades, entre outras aplicações. A eletroforese em condições nativas caracteriza a proteína em relação à carga líquida. Lectinas ácidas (SANTOS *et al*., 2005) e básicas (SULTAN *et al*., 2004) foram reveladas por esta técnica. Para coloração dos géis de poliacrilamida, podem ser utilizados os corantes azul de Coomassie ou negro de amido, que revelam bandas polipeptídicas, ou com colorações específicas para glicoproteínas (GUZMAN-PARTIDA *et al*., 2004).

Ainda em métodos de caracterização temos a determinação do ponto isoelétrico (eletrofocalização), eletroforese bidimensional, análise da composição e seqüência de aminoácidos, espectroscopia de massa, dicroísmo circular, dentre outros.

O reconhecimento entre proteínas e carboidratos é de grande importância em vários processos biológicos como infecções virais, bacterianas, fúngicas e parasíticas; endereçamento de células e componentes solúveis; fertilização; metástase, crescimento e diferenciação celular. As lectinas de plantas têm sido escolhidas para estudar as bases moleculares destes eventos de reconhecimento, pois não são apenas mais facilmente purificadas em grande quantidade, como exibem uma larga variedade de especificidade a carboidratos (LORIS *et al*., 1998).

As lectinas constituem ferramentas em estudos citoquímicos e histoquímicos (DANGUY *et al*., 1998), fracionamento de células (OHBA *et al*., 2002), como moléculas bioadesivas no endereçamento de drogas (BIES *et al*., 2004) e na obtenção de oligossacarídeos e glicoconjugados quando imobilizadas em suportes insolúveis (FRANCO-FRAGUAS *et al*., 2003; BANERJEE *et al*., 2004). Podem ainda ser utilizadas para análise de mudanças que ocorrem na superfície celular durante processos fisiológicos e patológicos, desde células normais a tecidos transformados, como ocorre no câncer (SHARON e LIS, 2001).

Uma variedade de propriedades biológicas pode resultar da ligação de lectinas às células, incluindo: aglutinação de eritrócitos e identificação de grupos sanguíneos (PAIVA e COELHO, 1992; MATSUI *et al*., 2001); atividades antiinflamatória (ASSEREUY *et al*., 1999), antitumoral (ELSASSER-BEILE *et al.,* 2001; ZHAO *et al*., 2003), antimicrobiana (FREIRE *et al*., 2002) e hipoglicemiante (KAVALALI *et al*., 2003); estimulação mitogênica de linfócitos T humanos (PAJIC *et al*., 2002; MACIEL *et al*., 2004); liberação de óxido nítrico por macrófagos

(ANDRADE *et al.*, 1999) e indução de apoptose em tumores de células humanas (HAJTÓ *et al*., 2003).

Capparis yco

Capparis yco, conhecida vulgarmente como icó-branco (Figura 1), é uma planta pertencente à família Capparaceae, que se distribui nas Regiões Tropical e Subtropical, especialmente da África e das Américas. O gênero *Capparis* tem aproximadamente 250 espécies sendo 15 delas encontradas no Brasil principalmente nas vegetações de Caatingas e Restingas, sendo bem representado na flora de Pernambuco. As espécies são utilizadas na produção de madeira, alimentação e na medicina popular.

O icozeiro não vai, em média, além dos 2 a 3 metros. Seus ramos são longos, eretos, de casca castanho claro amarelado. Folhas opostas, algo pendentes, um pouco mais adensadas na porção superior dos ramos. Fruto baga, coriácea a sublenhosa, irregurlamente ovóide, com 8 a 10 cm de comprimento e 5 a 6 cm de diâmetro, denso pubescente, castanho claro amarelado. Sementes várias (14-20) subcocleadas, castanho claras, lustrosas, mergulhadas em massa esponjoso-farinácea, de cor creme claro, que passa a castanho claro ao secar. Eventualmente, seu fruto é referido ser comestível (CORRÊA, 1978).

Pesquisas existentes com espécies do gênero *Capparis* revelam diversas propriedades biológicas, mostrando com isso ser um material de estudo bastante promissor. Sementes de *C. masaikai* foram utilizadas no isolamento e caracterização

da proteína com propriedades adoçantes mabinlina II (LIU *et al*., 1993; NIRASAWA *et al*., 1994; KOHMURA e ARIYOSHI, 1998; GUAN *et al*., 2000); aglutinação e morte do parasito *Leishmania* em sua forma promastigota foram detectadas quando o vetor *Phlebotomus papatasi* foi alimentado com extrato de *C. spinosa*, sendo indicado ser isto devido à presença de várias lectinas no extrato (SCHLEIN e JACOBSON, 1994; JACOBSON e SCHLEIN, 1999); avaliação dos frutos de *C. decidua* (Pinju) como alternativa na dieta em regiões da Índia (DUHAN *et al*., 1992) e estudo do seu valor nutricional, principalmente como fonte de vitamina C e beta-caroteno (CHATUVERDI e NAGAR, 2001); identificação e isolamento do princípio ativo da *C. spinosa*, responsável por sua ação antiinflamatória (AL-SAID *et al*., 1988); determinação de atividade antihepatotóxica (GADGOLI e MISHRA, 1999) e antifúngica contra dermatófilos de *C. spinosa* (ALI-SHTAYET e ABU GHDEIB, 1999); estudo da ação hipoglicemiante de *C. decidua* (YADAV *et al*., 1997a e 1997b) e *C. spinosa* (YANIV *et al*., 1987); avaliação da toxicidade de *C. tomentosa* (AHMED *et al*., 1981; AHMED *et al*., 1993); determinação da atividade antioxidante e constituintes químicos de *C. spinosa* (GERMANO *et al*., 2002; BONINA *et al*., 2002 e KHANFAR *et al*., 2003).

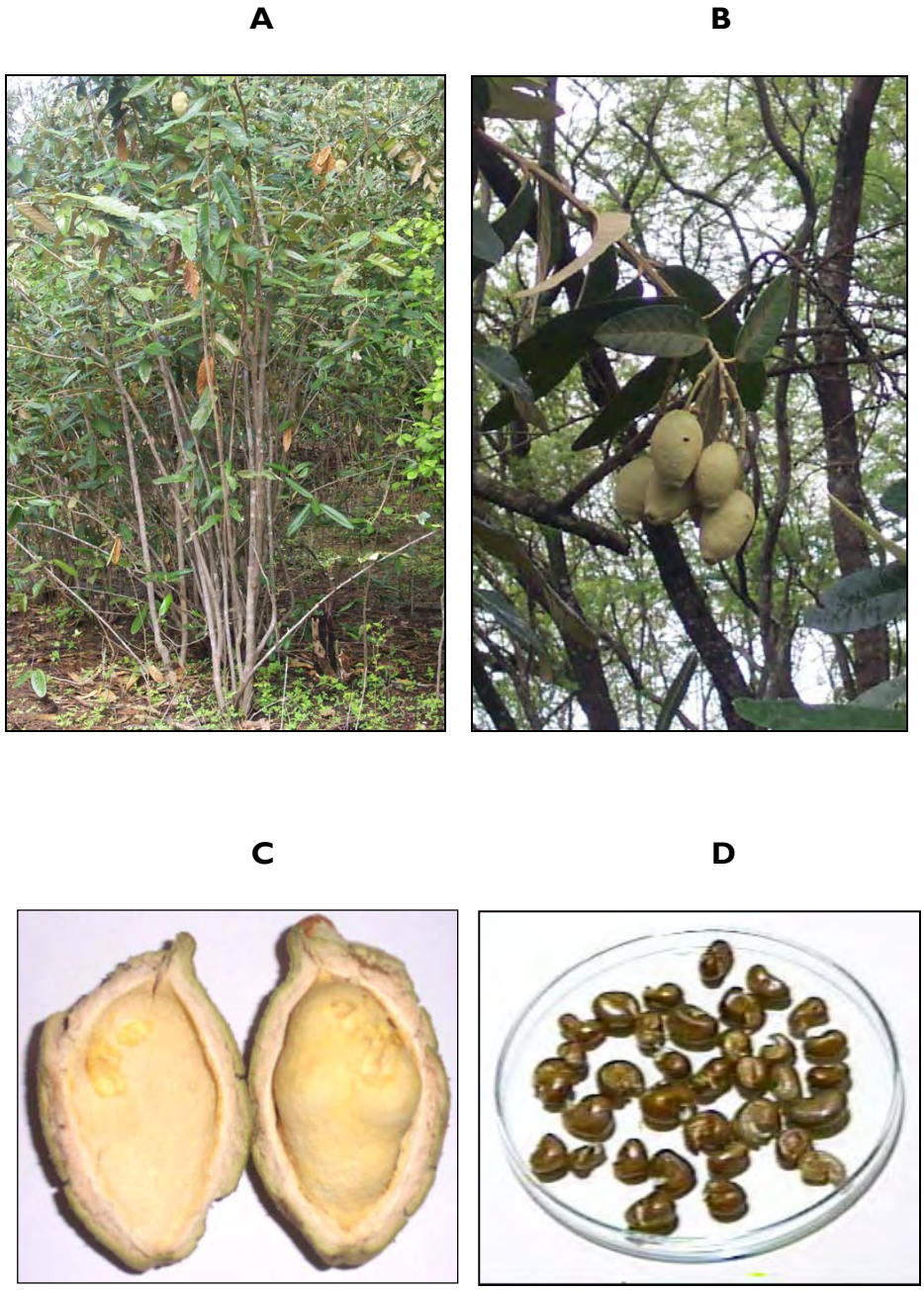


Figura 1- Aspectos de *Capparis yco*; árvore (A), folhas e frutos (B), interior do fruto (C) e sementes (D).

RELEVÂNCIA DO TRABALHO

As lectinas vêm sendo amplamente utilizadas em pesquisas biológicas devido ao seu grande potencial médico e biotecnológico. Estas moléculas são freqüentemente purificadas de sementes devido ao elevado teor protéico deste tecido vegetal. Desde 1983 o Laboratório de Glicoproteínas do Departamento de Bioquímica da Universidade Federal de Pernambuco vem contribuindo com o estudo de lectinas ao isolar, caracterizar, definir propriedades biológicas e aplicações biotecnológicas para essas moléculas, em diferentes fontes.

Pesquisas existentes com espécies do gênero *Capparis* revelam diversas propriedades biológicas, mostrando com isso ser um material de estudo bastante promissor. Sementes de *C. masaikai* foram utilizadas no isolamento e caracterização da proteína com propriedades adoçantes mabinlina II (LIU *et al*., 1993; NIRASAWA *et al*., 1994; KOHMURA e ARIYOSHI, 1998; GUAN *et al*., 2000); aglutinação e morte do parasito *Leishmania* em sua forma promastigota foram detectadas quando o vetor *Phlebotomus papatasi* foi alimentado com extrato de *C. spinosa*, sendo indicado ser isto devido à presença de várias lectinas no extrato (SCHLEIN e JACOBSON, 1994; JACOBSON e SCHLEIN, 1999).

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Isolar e caracterizar parcialmente lectina(s) em sementes de *Capparis yco*.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Isolar lectina(s) em sementes de *C. yco* através de fracionamento com sulfato de amônio e métodos cromatográficos;

Determinar a atividade hemaglutinante em preparações de *C. yco* utilizando diferentes eritrócitos;

Determinar a especificidade de ligação da(s) lectina(s) a carboidratos e glicoproteínas;

Avaliar efeito de íons e pH sobre a atividade hemaglutinante;

Determinar, através de métodos eletroforéticos, a massa molecular e o grau de pureza das lectinas isoladas;

Avaliar a natureza glicoprotéica da(s) lectina(s) através de eletroforese em gel de poliacrilamida e coloração específica para glicoproteínas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMED, O. M.; ADAM, S. E.; EDDS, G. T. The toxicity of *Capparis tomentosa* in sheep and calves. **Veterinary Human Toxicology**, v. 23, n. 6, p. 403-409, 1981.

AHMED, S. A.; AMIN, A. E.; ADAM, S. E.; HAPKE, H. J. By toxic effects of the dried leaves and stem of *Capparis tomentosa* on Nubian goats. **DTW Dtsch Tierarztl Wochenschr**, v. 100, n. 5, p. 192-194, 1993.

ALI-SHTAYEH, M. S.; ABU GHDEIB, S. I. Antifungal activity of plant extracts against dermatophytes. **Mycoses**, v.42, n.11-12, p.665-672, 1999.

AL-SAID, M. S.; ABDELSATTAR, E. A.; KHALIFA, S. I.; EL-FERALY, F. S. Isolation and identification of an anti-inflammatory principle from *Capparis spinosa*. **Pharmazie**, v. 43, n. 9, p. 640-641, 1988.

ANDRADE, J. L.; ARRUDA, S.; BARBOSA, T.; PAIM, L.; RAMOS, M. V.; BARRAL NETO, M. Lectin-induced nitric oxide production. **Cell Imunology**, v. 194, n. 1, p. 98-102, 1999.

ASSEREUY, A. M.; MARTINS, G. J.; MOREIRA, M. E.; BRITO, G. A.; CAVADA, B. S.; RIBEIRO, R. A.; FLORES, C. A. Prevention of cyclophosphamide-induced

hemorrhagic cystitis by glucose-mannose binding plant lectins. **Journal of Urology**, v. 161, n. 6, p. 1988-1993, 1999.

BABA, K.; OGAWA, M.; NAGANO, A.; KURODA, H.; SUMIYA, K. Developmental changes in the bark lectins of *Sophora japonica*. **Planta**, v. 181, p. 462-470, 1991.

BANERJEE, S.; CHAKI, S.; VHOWAL, J.; CHATTERJEE, B. P. Mucin binding mitogenic lectin from freshwater Indian gastropod *Belamyia bengalensis*: purification and molecular characterization. **Archives of Biochemistry and Biophysics**, v. 421, p. 125-134, 2004.

BIES, C.; LEHR, C.-M.; WOODLEY, J. F. Lectin-mediated drug targeting: history and applications. **Advanced Drug Delivery Reviews**, v. 56, p. 425-435, 2004.

BLADIER, D.; JOUBERT, R.; AVELLANA-ADALID, V. *et al*. Purification and characterization of a galactoside-binding lectin from human brain. **Archives of Biochemistry and Biophysics**, v. 269, n. 2, p. 433-439, 1989.

BONINA, F.; PUGLIA, C.; VENTURA, D.; AQUINO, R.; TORTORA, S.; SACCHI, A.; SAIJA, A.; TOMAINO, A.; PELLEGRINO, M. L.; CAPRARIS, P. In vitro antioxidant and in vivo photoprotective effects of a lyophilized extract of *Capparis spinosa* L buds. **Journal of Cosmetic Science**, v. 53, n. 6, p. 321-335, 2002.

BRANCO, A. T.; BERNABÉ, R. B.; FERREIRA, B. S.; OLIVEIRA, M. V. V.; GARCIA, A, B.; SOUZA FILHO, G. A. Expression and purification of the recombinant SALT lectin from rice (*Oryza sativa* L.). **Protein Expression and Purification**, v. 33, p. 34-38, 2004.

BULGAKOV, A. A.; PARK, K.-IL; CHOI, K.-S.; LIM, H.-K.; CHO, M. Purification and characterization of a lectin isolated from the Manila clam *Ruditapes philippinarum* in Korea. **Fish & Shellfish Immunology**, v. 16, n. 4, p. 487-499, 2004.

CHATURVEDI, Y.; NAGAR, R. Levels of beta-carotene and effects of processing on selected fruits and vegetables of the arid zone of India. **Plant Foods Human Nutrition**, v. 56, n. 2, p. 127-132, 2001.

COELHO, L. C. B. B.; SILVA, M. B. R. Simple method to purify milligram quantities of galactose-specific lectin from the leaves of *Bauhinia monandra*. **Phytochemical Analysis**, v. 11, p. 295-300, 2000.

CORRÊA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Impressa Nacional, v. 1, p. 50-51, Rio de Janeiro, 1978.

CUATRECASAS, P.; WILCHEK, M.; ANFINSEN, C. B. Seelective enzyme purification by affinity chromatography. **Proceedings National Academy of Science**, v. 70, p.636-643, 1968.

DANGUY, A.; DECAESTECKER, C.; GENTEN, F.; SALMON, I.; KISS, R. Applications of lectins and neoglycoconjugates in histology and pathology. **Acta Anatomica**, v. 161, p. 206-218, 1998.

DUHAN, A.; CHAUHAN, B. M.; PUNIA, D. Nutritional value of some non-conventional plant foods of India. **Plant Foods Human Nutrition,** v. 42, n. 3, p. 193-200, 1992.

DUNPHY, J. L.; BARCHAM, G. J.; BISCHOF, R. J.; YOUNG, A. R.; NASH, A.; MEEUSEN, E. N. T. Isolation and characterization of a novel eosinophyl-specific galectin released into the lungs in response to allergen challenge. **The Journal of Biological Chemistry**, v. 277, n. 17, p. 14916-14924, 2002.

ELSASSER-BEILE, U.; RUHNAU, T.; FREUDENBERG, N.; WETTERAUER, U.; MENGS, U. Antitumoral effect of recombinant mistletoe lectin on chemically induced urinary bladder carcinogenesis in a rat model. **Cancer,** v. 91, n. 5, p. 998-1004, 2001.

FRANCO-FRAGUAS, L.; PLÁ, A.; FERREIRA, F.; MASSALDI, H.; SUÁREZ, BATISTA-VIERA, F. Preparative purification of soybean agglutinin by affinity chromatography and its immobilization for polysaccharide isolation. **Journal of Chromatography B**, v. 790, p. 365-372, 2003.

FREIRE, M. G. M.; GOMES, V. M.; CORSINI, R. E.; MACHADO, O. L. T.; DE SIMONE, S. G.; NOVELLO, J. C.; MARANGONI, S.; MACEDO, M. L. R. Isolation and partial characterization of a novel lectin from *Talisia esculenta* seeds that interferes with fungal growth. **Plant Physiology and Biochemistry**, v. 40, p. 61-68, 2002.

GADGOLI, C. ; MISHRA, S. H. Antihepatotoxic activity of p-methoxy benzoic acid from *Capparis spinosa*. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 66, n. 2 p. 187-192, 1999.

GERMANO, M. P.; DE PASQUALE, R.; D'ANGELO, V.; CATANIA, S.; SILVARI, V.; COSTA, C. Evaluation of extracts and isolated fraction from *Capparis spinosa* L. Buds as an antioxidant source. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 50, n. 5, p. 1168-71, 2002.

GOLDSTEIN, I. J. ; HUGHES, R. C. ; MONSIGNY, M. *et al*. What showed be called a lectins? **Nature**, v. 285, p. 66, 1980.

GOLDSTEIN, J. I. Lectin Structure-Activity: The Story is Never Over. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 50, p. 6583-6585, 2002.

GUAN, R. J.; ZHENG, J. M.; HU, Z.; WANG, D. C. Crystallization and preliminary X-ray analysis of the therstable sweet protein mabinlin II. **Acta Crystallography D. Biological Crystallography**, v. 56, n. 7, p. 918-919, 2000.

GUZMÁN-PARTIDA, A. M.; ROBLES-BURGUEÑO, M. R.; ORTEGA-NIEBLAS, M.; VÁZQUEZ-MORENO, I. Purification and characterization of complex carbohydrate specific isolectins from wild legume seeds: *Acacia constricta* is (vinorama) highly homologous to *Phaseolus vulgaris* lectins. **Biochimie**, n. 86, p. 335-342, 2004.

HAJTÓ, T.; BERKI, T.; BOLDIZSÁR, F.; NÉMETH, P. Galactoside-specific plant lectin, *Viscum album* agglutinin-I induces enhanced proliferation and apoptosis of murine thymocytes in vivo. **Immnology Letters**, v. 86, p. 23-27, 2003.

HORIGUCHI, R.; TOKUMOTO, M.; NAGAHAMA, Y.; TOKUMOTO, T. Molecular cloning and expression of cDNA coding for four spliced isoforms of casein kinase I alpha in goldfish oocytes. **Biochimica et Biophysica Acta**, v. 1727, n. 1, p. 75-80, 2005.

JACOBSON, R. L.; SCHLEIN, Y. Lectins and toxins in the plant diet of *Phle- botomus papatasi* (Diptera: Psychodidae) can kill *Leishmania major* promastigotes in the sandfly and in culture. **Annals of Tropical Medicine and Parasitology**, v. 93, n. 4, p. 351-356, 1999.

KAVALALI, G.; TUNCEL, H.; GÖKSEL, S.; HATEMI, H. H. Hipoglycemic activity of *Urtica pipulifera* in streptozotocin-diabetic rats. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 84, p. 241-245, 2003.

KAWAGISHI, H.; TAKAGI, J.; TAIRA, T.; MURATA, T.; USUI, T. Purification and characterization of a lectin from mushroom *Mycoleptodonoides aitchisonii*. **Phytochemistry**, v. 56, p. 53-58, 2001.

KHANFAR, M. A.; SABRI, S. S.; ZARGA, M. H.; ZELLER, K. P. The chemical constituents of *Capparis spinosa* of Jordanian origin. **Natural Products Research**, v. 17, n. 1, p. 9-14, 2003.

KENNEDY, J. F.; PAIVA, P. M. G.; CORREIA, M. T. S.; CAVALCANTI, M. S. M.; COELHO, L. C. B. B. Lectins, versatil proteins of recognition; a rewiew. **Carbohydrate Polymers**, v. 26, p. 219-230, 1995.

KOHMURA, M.; ARIYOSHI, Y. Chemical synthesis and characterization of the sweet protein mabinlin II**. Biopolymers,** v. 46, n. 4, p. 215-223, 1998.

KONOZY, E. H. E.; BERNARDES, E. S.; ROSA, C.; FACA, V.; GREENE, L. J.; WARD, R. J. Isolation, purification and physicochemical characterization of a D-galactose-binding lectin from seeds of *Erythrina speciosa*. **Archives of Biochemistry and Biophysics**, n. 410, p. 222-229, 2003.

LAEMMLI, U. K. Cleavage of structural proteins during the assembly of the head of bacteriophage T_4. **Nature**, v. 227, n. 5259, p. 680-685, 1970.

LIS, H.; SHARON, N. Lectins as molecules and as tools. **Annual Review of Biochemistry**, v. 55, p. 35-67, 1986.

LIU, X.; MAEDA, S.; HU, Z.; AIUCHI, T.; NAKAYA, K.; KURIHARA, Y. Purification, complete amino acid sequence and structural characterization of the heat-stable sweet protein, mabinlin II**. European Journal of Biochemistry,** v. 211, n. 1-2, p. 281-287, 1993.

LORIS, R.; HAMELRYCK, T.; BOUCKAERT, J.; WYNS, L. Legume lectin structure. **Biochimica et Biophysica Acta**, v. 1383, p. 9-36, 1998.

MACIEL, E. V. M.; ARAÚJO-FILHO, V. S.; NAKAZAWA, M.; GOMES, Y. M.; COELHO, L. C. B. B.; CORREIA, M. T. S. Mitogenic activity of *Cratylia mollis* lectin on human lymphocytes. **Biologicals**, v. 32, p. 57-60, 2004.

MATSUI, T.; HAMAKO, J.; OZEKI, Y.; TITANI, K. Comparative study of blood group-recognizing lectins toward ABO bood group antigens on neoglycoproteins, glycoproteins and complex-type oligosaccharides. **Biochimica et Biophysica Acta**, v. 1525, p. 50-57, 2001.

MISHRA, V.; SHARMA, R. S.; YADAV, S.; BABU, C. R.; SINGH, T. P. Purification and characterization of four isoforms of Himalayan mistletoe ribosome-inactivating protein from *Viscum album* having unique sugar affinity. **Archives of Biochemistry and Biophysics**, v. 423, n. 2, p. 288-301, 2004.

MOSS, D. W. **Isoenzymes**. New York: Chapman and Hall, 1982. 199 p.

NIRASAWA, S.; NISHINO, T.; KATAHIRA, M.; UESUGI, S.; HU, Z.; KURIHARA, Y. Structures of heat-stable and unstable homologues of the sweet protein mabinlin. The difference in the heat stability is due to replacement of a single amino acid residue. **European Journal of Biochemistry,** v. 223, n. 3, p. 989-989, 1994.

OHBA, H.; BAKALOVA, R.; MORIWAKI, S.; NAKAMURA, O. Fractionation of normal and leukemic T-cells by lectin-affinity column chromatography. **Cancers Letters**, v. 184, p. 207-214, 2002.

OLIVEIRA, J. T. A.; MELO, V. M. M.; CAMARA, M. F. L.; VASCONCELOS, I. M.; BELTRAMINI, L. M.; MACHADO, O. L. T.; GOMES, V. M.; PEREIRA, S. P.; FERNANDES, C. F.; NUNES, E. P.; CAPISTRANO, G. G. G.; MONTEIRO-MOREIRA, A. C. O. Purification and physicochemical characterization of a cotyledonary lectin from *Luetzelburgia auriculata*. **Phytochemistry**, v. 61, p. 301-310, 2002.

REGO, E. J. L.; CARVALHO, D. D.; MARANGONI, S.; OLIVEIRA, B.; NOVELLO, J. C. Lectins from seeds of *Crotalaria pallida* (smooth rattlebox). **Phytochemistry**, v. 60, p. 441-446, 2002.

REMMELINK, M.; DARRO, F.; DECAESTECKER, C.; DE DECKER, R.; BOVIN, N. V.; GEBHART, M.; KALTNER, H.; GABIUS, H.-J.; KISS, R.; SALMON, I.; DANGUY, A. In vitro influence of lectins and neoglycoconjugates on the growth of three human sarcoma cell lines. **Cancer Research and Clinical Oncology**, v. 125, p. 275-285, 1999.

PAIVA, P. M. G.; COELHO, L. C. B. B. Purification and Partial Characterization of two lectins isoforms from *Cratylia mollis* Mart. (Camaratu Bean). **Applied Biochemistry and Biotecnology**, v. 36, p. 113-118, 1992.

PAJIC, I.; KLJAJIC, Z.; DOGOVIC, N.; SLADIC, D.; JURANIC, Z.; GASIC, M. J. A novel lectin from sponge *Haliclona cratera*: isolation, characterization and biological activity. **Comparative Biochemistry and Physiology Part C**, v. 132, p. 213-221, 2002.

PEUMANS, W. J.; VAN DAMME, E. J. M. Lectins as plant defense proteins. **Plant Physiology,** v. 109, p. 347-352, 1995.

PEUMANS, W. J.; VAN DAMME, E. J. M. Plant lectins: versatile proteins with important perspectives in Biotechnology. In: **Biotechnology and Genetic Engineering Rewies,** 1998. p. 199-228.

PEUMANS, W. J.; VAN DAMME, E. J. M.; BARRE, A.; ROUGE, P. Classification of plant lectins in families of structural and evolutionary related proteins. In: **The Molecular Immunology of Complex Carbohydrates-2**. Taiwan: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2001. p. 27-54.

SANTOS, A. F. S.; ARGOLO, A. C. C.; COELHO, L. C. B. B.; PAIVA, P. M. G. Detection of water soluble lectin and antioxidant component from *Moringa oleifera* seeds. **Water Research**, *article in* press, 2005.

SHARON, N.; LIS, H. Lectins: cell-agglutinating and sugar-specific proteins. **Science**, v. 177, p. 949-959, 1972.

SHARON, N. ; LIS, H. A century of lectin research (1888-1988). **Trends in Biochemical Sciences**, v.12, p.488-491, 1987.

SHARON, N.; LIS, H. Legume lectins - a large family of homologous proteins. **FASEB Journal,** v**.** 4, p. 3198-3208, 1990.

SHARON, N.; LIS, H. The structural basis for carbohydrate recognition by lectins. In: **The Molecular Immunology of Complex Carbohydrates-2**. Taiwan: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2001. p. 1-9.

SHARON, N.; LIS, H. Lectins: from hemagglutinins to biological recognition molecules: a historical overview. **Glicobiology**, v.00, n.00, p. 1R-10R, 2004.

SCHLEIN, Y.; JACOBSON, R. L. Mortality of *Leismania major* in *Phlebotomus papatasi* caused by plant feeding of the sand flies. **American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, v. 50, n. 1, p. 20-27, 1994.

SULTAN, N. A. M.; KENOTH, R.; SWAMY, M. J. Purification, physicochemical characterization, saccharide specificity, and chemical modification of a Gal/GalNAc specific lectin from the seeds of *Trichosanthes dioica*. **Archives of Biochemistry and Biophysics**, v. 432, p. 212-221, 2004.

SUROLIA, A. SHARON, N.; SCHWARZ, F. P. Thermodynamics of monosacharide and disacharide binding to *Erythrina corallodendron* lectin, **Journal Biological Chemistry**, v. 271, p. 17697-17703, 1996.

SUSSELAN, K. N.; MITRA, R.; PANDEY, R.; SAINIS, K. B.; KRISHNA, T. G. Purification and characterization of a lectin from wild sunflower (*Helianthus tuberosus* L.) tubers. **Archives of Biochemistry and Biophysics**, v. 407, p. 241-247, 2002.

YADAV, P.; SARKAR, S.; BHATNAGAR, D. Action of Capparis decidua against alloxan-induced oxidative stress and diabetes in rats tissues. **Pharmacology Research**, v. 36, n. 3, p. 221-228, 1997a.

YADAV, P.; SARKAR, S.; BHATNAGAR, D. Lipid peroxidation and antioxidant enzymes in erythrocytes and tissues in aged diabetic rats. **Indian Journal of Experiment Biology**, v. 35, n. 4, p. 389-392. 1997b.

YANIV, Z.; DAFNI, A.; FRIEDMAN, J.; PALEVITCH, D. Plants used for the treatment of diabetes in Israel. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 19, n. 2, p. 145-151, 1987.

ZHAO C.; SUN H.; TONG X.; QI Y. An antitumor lectin from the edible mushroom *Agrocybe aegerita*. **Biochemistry Journal**, v. 374, p. 321-327, 2003.

WEIS, W. I.; DRICKAMER, K. Structural basis of lectin-carbohydrate recognition. **Annual Reviews Biochemistry**, v. 65, p. 441-473, 1996.

WITITSUWANNAKUL, R.; WITITSUWANNAKUL, D.; SAKULBORIRUG, C. A. Lectin from the bark of the rubber tree (*Hevea brasiliensis*). **Phytochemistry**, v. 47, n. 2, p. 183-187, 1998.

ARTIGO A SER SUBMETIDO AO PERIÓDICO JOURNAL OF CHROMATOGRAPHY B

CHROMATOGRAPHIC SEPARATION OF *Capparis yco* LECTIN ISOFORMS

CHROMATOGRAPHIC SEPARATION OF *Capparis yco* LECTIN ISOFORMS

Clébia C. P. Rabêlo; Cintia M. G. Brito; Luana C. B. B. Coelho & Patrícia M. G. Paiva[1]

Departamento de Bioquímica, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, Avenida Moraes Rego, S/N**,** Cidade Universitária, Recife-PE, 50670-420, Brazil.

[1] Corresponding author: E-mail adress: ppaiva63@yahoo.com.br (P.M.G. Paiva). Tel.-fax: +55-081-21268354.

Abstract

Purification of two molecular forms from *Capparis yco* seed lectin (CySeL) was achieved by ammonium sulphate fractionation of extract, followed by ion exchange chromatography of fractions (F) on CM-Cellulose column. The protocol was effective to obtain $CySeL_1$ (12 mg) and $CySeL_2$ (9 mg); additionally revealed differences in isoform charge properties. The binding of isoforms was also evaluated on Hitrap SP, fetuin-agarose and guar gum columns. The lectins were non-specific to human erythrocytes and high specific hemagglutinating activities (SHA) were detected with rabbit cells. HA of $CySeL_1$ was inhibited with monosaccharides and glycoproteins, while $CySeL_2$ recognized only glycoproteins. The pH values and divalent ions interfered differently on isoforms HA. Upon native PAGE, $CySeL_1$ and $CySeL_2$ had three protein bands which extracted from gel showed HA; SDS-PAGE with β-mercaptoethanol revealed, two polypeptides of Mr 15 and 14 kDa. Carbohydrate staining of gel showed the glycoprotein nature of 14 kDa subunit. The protocol used was able to isolate, in milligram quantities, $CySeL_1$ and $CySeL_{2;}$ structural differences of isoforms associated to high yield purification of proteins indicated their potencial use in structural and biotechnological applications.

Keywords: *Capparis yco,* ion exchange chromatography, lectin isoform purification, protein charge properties.

1. Introduction

Seeds constitute a rich source of lectins, (glyco)proteins of non immune origin with carbohydrate binding properties occurring through cooperative hydrogen bonds, metal coordination, van der Waals and hydrophobic interactions [1]. The presence of, at least, two carbohydrate binding sites in the lectin molecule makes possible their simultaneous interaction with more than one erythrocyte cell surface producing hemagglutination [2].

Interest in lectins from microorganisms, animals and plants has greatly increased due to their applications as, for example, purification of glycosilated trypsin inhibitor by affinity chromatography on lectin immobilized column [3], evaluation of cell surface using lectin conjugated with horse radish peroxidase [4] and as an antiproliferative agent on lymphoma cells [5].

Multiple lectin molecular forms, isoforms or isolectins [6], are common in seeds and differ, for example, in relation to erythrocyte agglutination pattern, carbohydrate specificity, net charge and glycoprotein nature [6], thermal and pH stabilities [7]; HA ion dependence [8], molecular mass and subunit composition [9]. The heterogeneity can confer different biological properties [10] and may be explored to isolate isoforms. The carbohydrate affinity drive the isoform adsorption process on carbohydrate or glycoprotein immobilized matrices; the lectin separation can be obtained increasing carbohydrate inhibitor concentration in elution buffer [11]. On the other hand, if carbohydrate binding of isoforms differ in Ca^{2+} dependence, selective

desorption can occur by quelant agent addition in elution buffer [12]. Charge heterogeneity makes the ion exchange chromatography efficient to separate isoforms in distinct peaks during elution with NaCl linear gradient [13].

Several isoforms have been determined as protein products of different genes. Two *Vigna mungo* seed lectins were expressed in distinct days after flowering and co-translational or post-translational modification was not detected [9] if two related *Oryza sativa* isoforms corresponded to protein products of salt-stress-induced genes [14]. Post-translational modifications have been also implicated in production of isoforms [15]. Proteolytic processing can result in different physicochemical and biological properties. Comparison between native Jacalin (njacalin), the lectin of *Artocarpus integrifolia*, and its recombinant form (rjacalin) revealed that proteolytic processing that occur only in njacalin, was not a prerequisite for rjacalin sugar binding, however decreased its carbohydrate affinity and reduced its stability under extreme pH range [16].

Here, a simplified procedure for the purification of two lectin isoforms from *Capparys yco* seeds, $CySeL_1$ and $CySeL_2$, has been developed using cation exchange chromatography on CM-Cellulose. The protocol was able to provide milligram quantities of isoforms of high specific hemmagglutinating activity (SHA). $CySeL_1$ and $CySeL_2$ were partially characterized by evaluation of its activities at different HA assay conditions, carbohydrate and glycoprotein inhibition pattern, as well as by electrophoresis in polyacrylamide gel (PAGE).

2. Materials and methods

2.1. Seed extract and salt fractionation

Powder (20 g) of *Capparis yco* mature seeds was added to 50 mM sodium phosphate buffer/0.15 M NaCl, pH 6.5 (100 ml); after magnetic agitation for 4 h at 26ºC, the mixture was centrifuged (5,000 g, 15 min) and the supernatant (extract) was used as the starting material to isolate isoforms. The extract was then treated with ammonium sulphate and obtained fractions (F) 0-20, 20-40 and 40-80% were dialyzed against 50 mM sodium phosphate buffer/0.15 M NaCl, pH 6.5.

2.2. Protein determination

Protein concentration was estimated according to Lowry *et al.* [17] using bovine serum albumin (31 to 500 μg ml^{-1}) as standard and by absorbance at 280 nm.

2.3. Hemagglutinating activity (HA) and inhibition of HA

Lectin activity of serially diluted samples in 0.15 M NaCl was assayed with glutaraldehyde (Merck, Germany) treated rabbit and human erythrocytes according to Paiva and Coelho [6] using microtiter plates (Kartell S.P.A.,

Milan). The HA (titer) was defined as the reciprocal of the highest dilution giving positive hemagglutination. Specific HA (SHA) means titer/mg of protein. Lectin inhibition assay was made with 0.2 M monosaccharide (D(+)fructose, D(+)glucose, D(+)galactose, D(+)mannose; from Sigma, USA) or 500 µg/ml glycoprotein (fetuin, ovalbumin and thyroglobulin; from Sigma, USA) solutions.

The pH effect on HA was evaluated with the lectin diluted in 0.1 M Tris-HCl buffer (6.5 to 8.0) and 0.1 M sodium carbonate-bicarbonate (pH 10). The ion assay was performed with the lectin diluted in 10, 20 and 40 mM Ca^{2+} or Mg^{2+} solutions containing 0.15 M NaCl.

2.4. Isolation of lectin isoforms by ion exchange chromatography on CM-Cellulose

F20-40 or F40-80 (20 mg of protein) were chromatographed on a CM-Cellulose (Sigma, USA) column (1.5 x 7.0 cm) equilibrated with 50 mM sodium phosphate buffer/0.15 M NaCl, pH 6.5. After sample application, the column was washed with the equilibrium buffer until 0.05 of absorbance at 280 nm; following, the column was eluted with 0-1.0 M NaCl linear gradient. Active obtained fractions were assayed for HA and the pooled.

2.5. Evaluation of HA binding on Hitrap SP, fetuin-agarose and guar gum columns

F20-40 and F40-80 (20 mg) were applied to Hitrap SP column (0.7 x 2.5 cm; Pharmacia Fine Chemicals,Sweden) equilibrated (flow rate of 1 ml/min; ÄKTA FPLC System) with 50 mM sodium phosphate buffer, pH 6.5. Affinity columns were prepared with fetuin-agarose (Sigma, USA; 0.8 x 4.0 cm) or cross-linking refined guar gum (Sigma, USA; 1.5 x 7.0 cm) equilibrated (flow rate of 20 ml/h) with 50 mM sodium phosphate buffer/0.15 M NaCl, pH 6.5. All columns were washed with respective equilibration solutions until A280 nm < 0.05. The HA was then eluted with 0-1 M NaCl linear gradient (Hitrap SP) or with 0.5 M NaCl followed by 1.0 M NaCl (fetuin-agarose and guar gum).

2.6. Polyacrylamide gel electrophoresis (PAGE)

Non denaturating PAGE was performed according to Reisfeld et al. [18] and stained with amido black. Previously detected polypeptide bands were also extracted by cutting the gel following by maceration in 0.15 M NaCl and evaluation for HA [19]. SDS-PAGE was carried out in a 15% polyacrylamide gel at presence and absence of β-mercaptoethanol [20]. Polypeptide bands from samples were stained with Coomassie Brilliant Blue. The gel was also stained according to Pharmacia Fine Chemicals [21] using Schiff´s reagent (Merck, Germany).

3. Results and discussion

Purification procedure for CySeL isoforms has been developed using extract, protein salt fractionation and cation exchange chromatography. HA assay with rabbit erythrocytes showed two ammonium sulphate fractions, F20-40 and F40-80, of high SHA (Table 1) corresponding to, respectively, 50% and 33% of total extracted HA. Evaluation of fraction HA with human cells revealed F20-40 as the most active preparation (Table 2) suggesting distinct HA in the fractions. The presence of lectin multiple molecular forms has been documented in seeds. Isolectins (Iso) 1, 2 and 3 of *Cratylia mollis* shows different erythrocyte agglutination pattern; Iso 1 and 3, respectively, glucose/mannose and galactose lectins [6] occur in the same cellular compartment and it is suggested distinct biological roles [22].

HA of fractions were retained on CM-Cellulose column; 66% of F20-40 HA, named $CySeL_1$ was eluted with 0.5 M while 69% of F40-80 HA, $CySeL_2$, was eluted 0.3 M NaCl (Figure 1). However, when chromatography was performed on Hitrap SP column, a strong cation exchange, F20-40 and F40-80 HA were eluted with 1.0 M NaCl (Tabela 3). The different NaCl concentrations required to protein desorptions in CM-Cellulose reflected the strength of isoform adsorption processes. Probably, at pH 6.5, $CySeL_1$ had a more positive charge surface than $CySeL_2$ contributing for its selective adsorption. Multipoint interactions promoted by high binding capacity of Hitrap SP impaired the isoforms separation by its charge properties. In fact, Pessela

et al. [23] evaluating ionic exchangers determined that the β-galactosidase binding changed according to content of amino groups; when the lowly activated ion exchange was used, full desorption of the enzyme occurred with lower ionic strength.

HA inhibition assay showed that only $CySeL_1$ recognized monosaccharide and both isoforms were inhibited by glycoproteins (Table 4). Despite of similar glycoprotein inhibition data, different HA yields were obtained in the chromatography on fetuin-agarose and guar gel affinity columns (Table 3). F20-40 HA was mainly retained on fetuin-agarose while highest adsorption of F40-80 HA was achieved on guar gel affinity chromatography. Distinct structural characteristics of isoforms may be leaded to different binding to inhibitors as well as fetuin-agarose adsorption. In fact, the pattern of monosaccharide and oligosaccharide is determined by selectivity of lectin primary site and additional sub-sites or extended sites [1, 24]. Minimal changes in the primary sequence of mutated plant lectins resulted in different binding to erythrocyte surface carbohydrates [25].

Structural characteristics of isoforms were also indicated when HA was assayed with divalent ions and distinct pH values. The ion presence (Figure 2A) main difference was detected at 40 mM Ca^{2+} and Mg^{2+}; $CySeL_2$ HA was stimulated while $CySeL_1$ was inhibited (Ca^{2+}) or inactivated (Mg^{2+}). The inhibition or stimulation of HA probably reflected different conformational changes in isoform structures [1]. The pH assay (Figure 2B) revealed $CySeL_2$ more stable than $CySeL_1$, since only $CySeL_2$ showed HA at pH 10. In fact, alteration of protein structure has been associated to pH value; the secondary

structure of *Artocarpus hirsuta* lectin was not modified at 1-8 pH range, but was distorted above pH 9, altering its binding constant to methyl α-galactopyranoside [26].

Electrophoretic methods revealed isoform structural similarities. $CySeL_1$ and $CySeL_2$, in non-denaturating PAGE, yielded the same three bands (Figure 3) which after elution from gel showed HA (titer of 64^{-1}). Denaturating PAGE revealed that $CySeL_1$ and $CySeL_2$ were constituted by multiple subunits. Under SDS-PAGE, without β-mercaptoethanol, the isoforms migrated as a diffuse band with Mr of 28 to 14 kDa; in the presence of reducing agent, two subunits with Mr of 15 and 14 kDa were detected (Figure 4B). Carbohydrate staining of gel revealed that only 14 kDa band was glycosylated (Figure 4A). Interestingly, the diffuse bands observed in the absence of β-mercaptoethanol were not stained. The different electrophoretic pattern obtained at reducing and non-reducing conditions suggests that 14 CySeL subunit was linked by disulfide bonds, similarly to other seed lectins [27]. The detection of glycoprotein nature only after treatment of isoforms with reducing agent may indicate that the carbohydrate moiety is buried due to subunit associations. Crystal structure of *Erythrina corallodendron* lectin revealed that a glycan constituting the subunit interfaced in the dimmer [28]. SDS-PAGE results and detection of HA in the individual bands eluted from non-denaturating PAGE, indicated that *C. yco* seeds contain three differently charged lectin isoforms which can be constituted of each 15 and 14 subunits or corresponding to a molecular arrangement of these subunits, as determined for *Erythrina variegata* isolectins [29].

$CySeL_1$ and $CySeL_2$ structural differences detected in CM-Cellulose chromatography, inhibition of HA with monosaccharide and effect of pH and ions on HA associated to high yield purification of proteins, indicate their potencial use to structural and biotechnological applications.

Acknowledgements

This paper was financially supported by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). The authors are deeply grateful for the technical assistance of Maria Barbosa Reis da Silva.

References

[1] S. Elgavish, B. Shaanan, Trends Biochem. Sci. 22 (1997) 462

[2] J. F. Kennedy, P. M. G. Paiva, M. T. S. Correia, M. S. M. Cavalcanti, L. C. B. B. Coelho, Carbohyd. Polym. 26 (1995) 219.

[3] P. M. G. Paiva, A. F. Souza, M. L. V. Oliva, J. F. Kennedy, M. S. M. Cavalcanti, L. C. B. B. Coelho, C. A. M. Sampaio, Bioresource Technol. 88 (2003) 75.

[4] E. I. Beltrão, P. L. Medeiros, O. G. Rodrigues, J. Figueredo-Silva, M. M. Valença, L. C. B. B. Coelho, L. B. Jr. Carvalho, Eur. J. Histochem. 47 (2003) 139.

[5] O. Suzuki, Y. Nozawa, M. Abe, Oncol. Rep. 13 (2005) 109.

[6] P. M. G. Paiva, L. C. B. B. Coelho, Appl. Biochem. Biotech. 36 (1992) 113.

[7] B. Ortiz, M. Bacilio, P. Gorocica, L. F. Montano, Y. Garfias, E. Zenteno, J. Agric. Food Chem. 48 (2000) 6267.

[8] T. Fujii, M. Hayashida, M. Hamasu, M. Ishiguro, Y. Hata, Acta Crystallogr. D. Biol. Crystallogr. 60 (2004) 665.

[9] K. N. Suseelan, R. Mitra, C. R. Bhatia, T. Gopalakrishna, Plant Foods Hum. Nutr. 59 (2004) 123.

[10] P. Anuradha, S. V. Bhide, Phytochemistry 52 (1999) 751.

[11] V. Bazil, G. Entlicher, Int. J. Biochem. Cell B. 31 (1999) 431.

[12] U. Holmskov, B. Teisner, A. C. Willis, K. B. Reid, J. C. Jensenius, J. Biol. Chem. 268 (1993) 10120.

[13] A. M. Guzmán-Partida, M. R. Robles-Burgueño, M. Ortega-Nieblas, I. Várquez-Moreno, Biochimie 86 (2004) 335.

[14] W. Zhang, W. J. Peumans, A. Barre, C. H. Astoul, P. Rovira, P. Rouge, P. Proost, P. Truffa-Bachi, A. A. Jalali, E. J. Van Damme, Planta 210 (2000) 970.

[15] N. M. Young, D. C. Watson, P. Thibault, Glycoconj. J. 13 (1996) 575.

[16] A. A. Sahasrabuddhe, S. M. Gaikwad, M. V. Krishnasastry, M. I. Khan, Protein Sci. 13 (2004) 3264.

[17] O. H. Lowry, N. J. Rosembrough, A. L. Farr, R. J. Randall, J. Biol. Chem. 193 (1951) 265.

[18] R. A. Reisfeld, U. J. Lewis, D. E. Williams, Nature 195 (1962) 281.

[19] A. F. S. Santos, A. C. C. Argolo, L. C. B. B. Coelho, P. M. G. Paiva, Water Res. (2005) article in press.

[20] U. K. Laemmli, Nature 227 (1970) 680.

[21] Pharmacia Fine Chemicals: Polyacrylamide Electrophoresis, Laboratory Techniques, Pharmacia, Uppsala, 1980.

[22] A. C. Santos, C. A. Peixoto, L. C. B. B. Coelho, Micron. 35 (2004) 613.

[23] B. C. C. Pessela, R. Munilla, L. Betancor, M. Fuentes, A. V. Carrascosa, A. Vian, R. Fernandez-Lafuente, J. M. Guisán, J. Chromatogr. A 1034 (2004) 155.

[24] P. Rougé, W. J. Peumans, A. Barre, E. J. M. Van Damme, Biochem. Bioph. Res. Commun. 304 (2003) 91.

[25] M. Yim, T. Ono, T. Irimura, Proc. Natl. Acad. Sci. U.S.A. 98 (2001) 2222.

[26] S. M. Gaikwad, K. M. Islam, Biochem. Biophys. Res. Commun. 311 (2003) 254.

[27] N. A. M. Sultan, R. Kenoth, M. J. Swamy, Arch. Biochem. Biophys. 432 (2004) 212.

[28] K. A. Kulkarni, A. Srivastava, N. Mitra, N. Sharon, A. Surolia, M. Vijayan, K. Suguna, Proteins 56 (2004) 821.

[29] N. Yamasaki, M. Kimura, O. Yamaguchi, M. Araki, J. Chromatogr. A 597 (1992) 207.

Table1

Summary of $CySeL_1$ and $CySeL_2$ isolation

Preparation	Total protein (mg)	SHA	Purification (fold)
Extract	6,534	113	1
F20-40	1,809	204	1.8
F40-80	1,296	190	1.7
$CySeL_1$	12	1,828	16
$CySeL_2$	9	2,560	23

To assay hemagglutinating activity (HA) *C. yco* preparations (50 μl) were serially two-fold diluted before addition of 2.5% (v/v) suspension of glutaraldehyde treated rabbit erythrocytes (50 μl). Specific HA means titer/protein (mg/ml); total protein of isoforms corresponded to protein (mg) obtained in each chromatographic experiment.

Table 2

Specific hemagglutinating activity (SHA) of ammonium sulphate fractions

Fraction	Erythrocyte				
	Rabbit	A	AB	B	O
F20-40	204	410	205	102	205
F40-80	190	46	23	23	23

Hemagglutinating activity (HA) was performed with 2.5% (v/v) suspension of glutaraldehyde treated erythrocytes. SHA, specific HA (titer/protein).

Table 3

Evaluation of F20-40 and F40-80 HA binding on Hitrap SP, fetuin-agarose and guar gel matrices

Matrix/ chromatographed sample	Yield (%)	SHA	Purification (fold)
Hitrap SP/F20-40	75	226	1.2
HitrapSP/F40-80	75	277	1.4
Fetuin-agarose/F20-40	15	800	4
Fetuin-agarose /F40-80	2.6	800	4
Guar gel/F20-40	19	800	4
Guar gel/F40-80	25	985	5

Yield was expressed as percentage of chromatographed HA recovered in the elution step.

Table 4

Inhibition of $CySeL_1$ and $CySeL_2$ HA

Inhibitor	$CySeL_1$ (titer^{-1})	$CySeL_2$ (titer^{-1})
Monosaccharide		
Fructose	32	NI
Galactose	64	NI
Glucose	NI	NI
Mannose	NI	NI
Glycoprotein		
Azocasein	128	128
Casein	8	8
Fetuin	16	16
Ovalbumin	256	128
Thyroglobulin	8	16

Hemagglutinating activity (HA) was made with 2.5% (v/v) suspension of glutaraldehyde treated rabbit erythrocytes. HA of $CySeL_1$ and $CySeL_2$ in 0.15 M NaCl, 512^{-1} and 1024^{-1}, respectively. NI means no lectin inhibition.

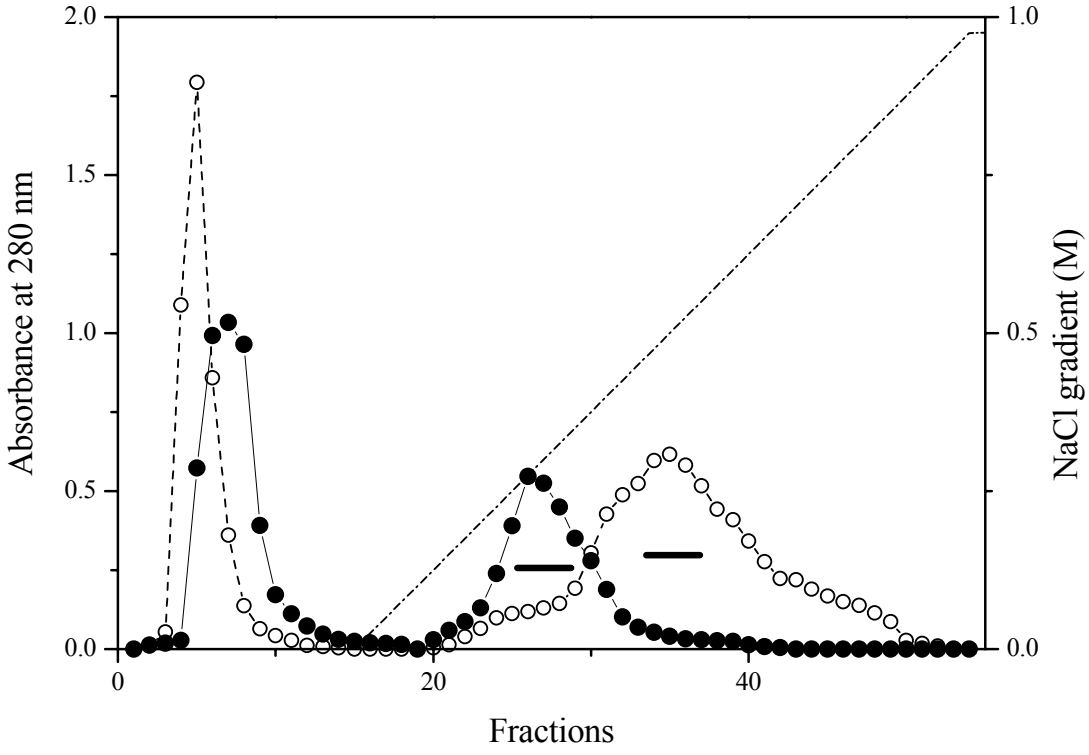
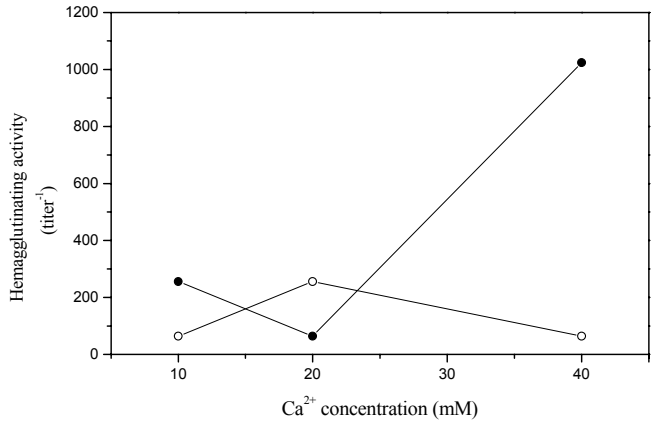
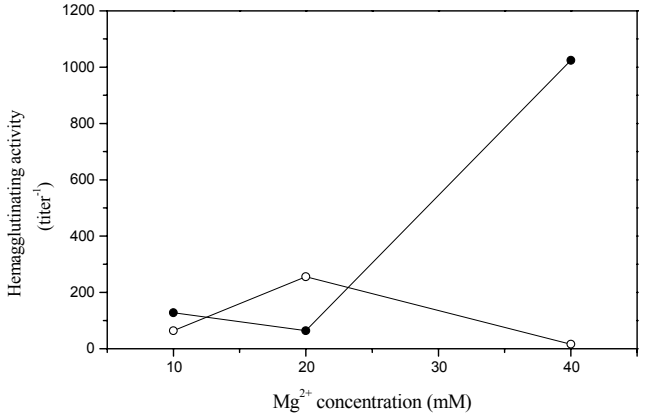


Figure 1. $CySeL_1$ (○) and $CySeL_2$ (●) isolation by ion exchange chromatography. Protein (20 mg) was applied to CM-Cellulose column (1.5 x 7.0 cm) equilibrated (20 ml/h) with 50 mM sodium phosphate buffer containing 0.15 M NaCl, pH 6.5. The column was eluted with 0 - 1.0 M NaCl linear gradient. Obtained fractions (2 ml) were assayed for HA (▬). F20-40 was the first sample chromatographed, followed by F40-80.

A


Hemagglutinating activity
(titer^{-1})
1200
1000
800
600
400
200
0
10
20
30
40
Ca^{2+} concentration (mM)


Hemagglutinating activity
(titer^{-1})
1200
1000
800
600
400
200
0
10
20
30
40
Mg^{2+} concentration (mM)

B

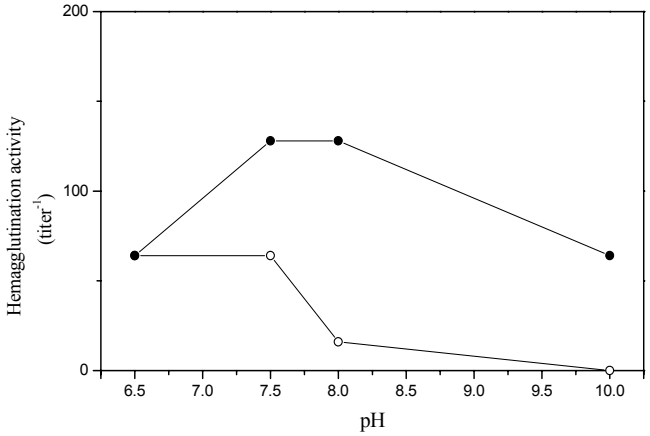

Hemagglutination activity
(titer^{-1})
200
100
0
6.5
7.0
7.5
8.0
8.5
9.0
9.5
10.0
pH

Figure 2. Effect of divalent ions (A) and pH (B) on HA of $CySeL_1$ (○) and $CySeL_2$ (●). The ion assay used lectin diluted in 10, 20 and 40 mM Ca^{2+} or Mg^{2+} solutions containing 0.15 M NaCl. The pH effect on HA was evaluated with the lectin diluted in 0.1 M Tris-HCl buffer (6.5 to 8.0) and 0.1 M sodium carbonate-bicarbonate (pH 10). After dilution, isoforms were incubated by 15 min before rabbit erythrocyte addition. $CySeL_1$ and $CySeL_2$ HA in 0.15 M NaCl without ion, were, respectively, 128^{-1} and 512^{-1}. $CySeL_1$ and $CySeL_2$ HA in 50 mM sodium phosphate buffer was 64^{-1}.

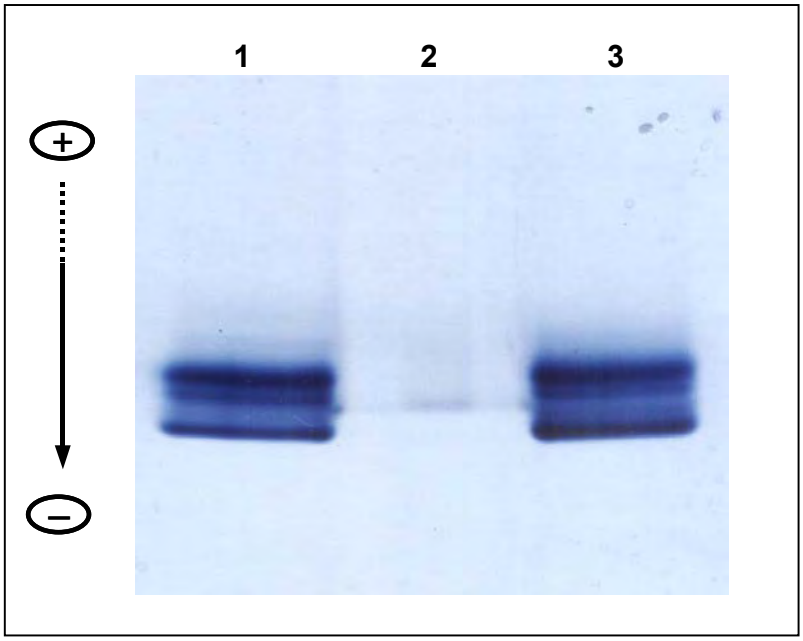


Figure 3. $CySeL_1$ and $CySel_2$ electrophoretic patterns upon native polyacrylamide gel. Samples (50 μg of protein) of $CySeL_1$ (1) and $CySel_2$ (3) as well as cytocrome C (10 μg; 2) were applied on 20 % polyacrylamide gel stained with amido black.

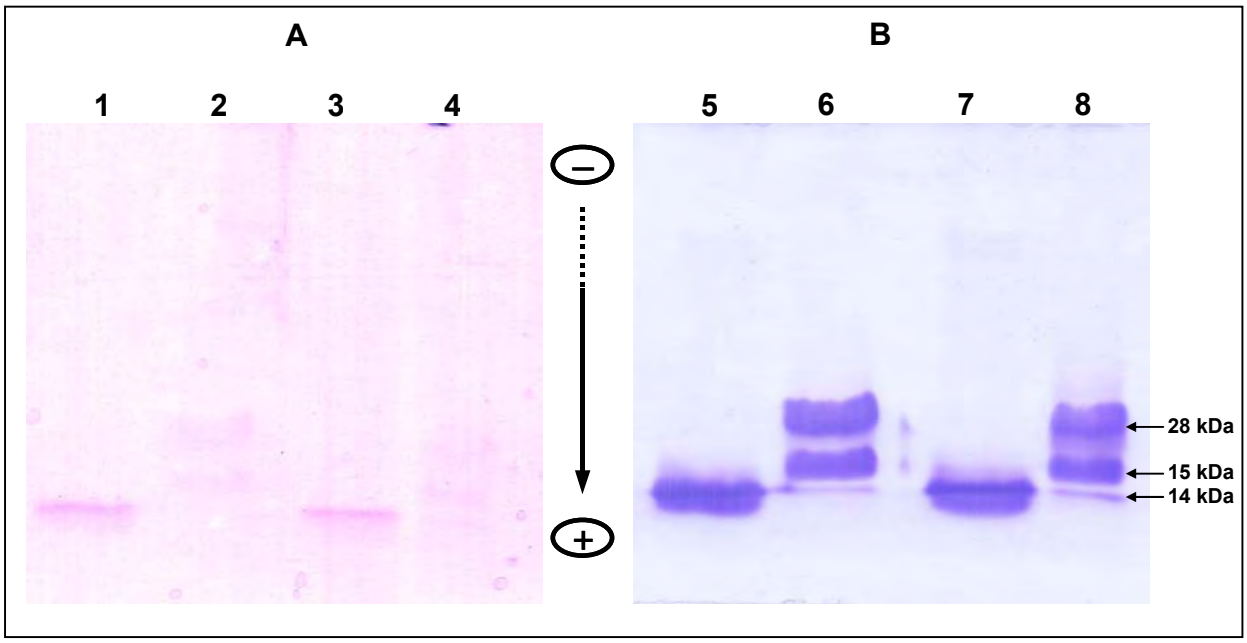


Figure 4. SDS-polyacrylamide gel electrophoresis (15 %) of $CySeL_1$ and $CySeL_2$. The β-mercaptoethanol treated $CySeL_1$ (1) and $CySeL_2$ (3) as well as non-reduced $CySeL_1$ (2) and $CySeL_2$ (4) were stained with Schiff´s reagent (A). The reduced $CySeL_1$ (5), $CySeL_2$ (7) and non-reduced $CySeL_1$ (6), $CySeL_2$ (8) were stained with Coomassie Brilliant Blue (A). Lanes contain 50 µg of isoforms.

CONCLUSÕES

Sementes de *Capparis yco* contém isoformas de lectina ($CySeL_1$ e $CySeL_2$).

$CySeL_1$ e $CySeL_2$ foram isoladas por cromatografia de troca iônica em coluna contendo CM-Celulose.

$CySeL_1$ e $CySeL_2$ aglutinaram eritrócitos de diferentes tipos sangüíneos.

$CySeL_1$ e $CySeL_2$ foram principalmente inibidas por glicoproteínas.

Ca^{2+}, Mg^{2+} e pH afetaram de forma diferente a AH de $CySeL_1$ e $CySeL_2$.

$CySeL_1$ e $CySeL_2$ são proteínas básicas, constituídas de duas subunidades diferentes.

$CySeL_1$ e $CySeL_2$ são glicoproteínas.

ANEXO

JOURNAL OF CHROMATOGRAPHY B

ANALYTICAL TECHNOLOGIES IN THE BIOMEDICAL AND LIFE SCIENCES

ELSEVIER

Amsterdam – Boston – Jena – London – New York – Oxford – Paris – Philadelphia – San Diego – St. Louis

J. Chromatogr. B, Vol. 814, issue 1 (2005)

doi:10.1016/S1570-0232(04)00970-5

Visit also our website:

http://www.elsevier.com/locate/chromb

INSTRUCTIONS TO AUTHORS

JOURNAL OF CHROMATOGRAPHY A

INCLUDING ELECTROPHORESIS, MASS SPECTROMETRY AND OTHER SEPARATION AND DETECTION METHODS

JOURNAL OF CHROMATOGRAPHY B

ANALYTICAL TECHNOLOGIES IN THE BIOMEDICAL AND LIFE SCIENCES

Editorial Office *Journal of Chromatography B*
P.O. Box 681, 1000 AR Amsterdam, The Netherlands
Radarweg 29, 1043 NX Amsterdam, The Netherlands
Tel: +31-20-4852794
Fax: +31-20-4852304
e-mail: chrom-eo@elsevier.com

Journal's Author Gateway page: http://author.elsevier.com/journal/chromb

ELSEVIER

Amsterdam – London – New York – Oxford – Paris – Shannon – Tokyo

JOURNAL OF CHROMATOGRAPHY

INSTRUCTIONS TO AUTHORS

● Scope

The *Journal of Chromatography B* addresses advancements in and applications of analytical methodologies related to drugs, other biologically active compounds, metabolites, biomarkers, as well as to bio-polymers such as proteins, peptides, nucleic acids, glycans. The areas considered include:

- clinical analysis, therapeutic drug monitoring, pharmaceutical analysis, toxicological analysis, bio-environmental analysis and novel approaches to sample preparation in analysis of biological matrices
- the qualitative and quantitative analysis of biopolymers including proteins, peptides and their post-translational modifications as well as nucleic acids and glycans
- the screening and profiling of body fluids, tissues, biological matrices and system related to monitoring the level of active substances, including metabolities, biomarkers and toxicants
- the comparative analysis of biological systems using proteomics, genomics, metabonomics and other 'omics' including novel ways of data handling and interpretation
- preparative aspects related to separation and isolation of bioactive compounds including biopolymers

Analytical techniques covered include the various facets of chromatography, electrophoresis and related methods, including mass spectrometry and affinity-based methodologies.

● Types of contributions

The following types of papers are published in the *Journal of Chromatography B*: Regular research papers (full-length papers), Review articles, Short Communications, Discussions, Technical Notes and Letters to the Editor. Review articles are invited or proposed in writing to the Editors, who welcome suggestions for subjects. An outline of the proposed Review should first be forwarded to the Editors for preliminary discussion prior to preparation. Short Communications are usually descriptions of short investigations, or they can report minor technical improvements of previously published procedures: they reflect the same quality of research as full-length papers, but should preferably not exceed five printed pages. Discussions (one or two pages) should explain, amplify, correct or otherwise comment substantively upon an article recently published in the journal. Submission of an article is understood to imply that the article is original and unpublished and is not being considered for publication elsewhere.

Upon acceptance of an article by the journal, the author(s) will be asked to transfer the copyright of the article to the publisher. This transfer will ensure the widest possible disemination of information.

● Submission of articles

General

It is essential to give an e-mail address and fax number when submitting a manuscript. Articles must be written in good English.

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, without the written consent of the Publisher.

Upon acceptance of an article, authors will be asked to transfer copyright (for more information on copyright see http://authors.elsevier.com). This transfer will ensure the widest possible dissemination of information. A letter will be sent to the corresponding Author confirming receipt of the manuscript. A form facilitating transfer of copyright will be provided. If excerpts from other copyrighted works are included, the Author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: contact Elsevier's Rights Department, Oxford, UK, phone: (+44) 1865 843830, fax: (+44) 1865 853333, e-mail: permissions@elsevier.com. Requests may also be completed on-line via the Elsevier homepage (http://www.elsevier.com/locate/permissions).

Submission to the journal

Submission of both regular and special issue articles to this journal proceeds totally on-line via the journal's submission website http://ees.elsevier.com/chromb. At the submission website you will be guided stepwise through the creation and uploading of the various files. Once the uploading is done, our system automatically generates an electronic (PDF) proof, which is then used for reviewing. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revisions, will be by e-mail. If you are unable to provide an electronic version, please contact the editorial office prior to submission at e-mail: chromeo@elsevier.com; telephone: +31 20 485 2796; or fax: +31 20 485 2304.

Every paper must be accompanied by a letter from the senior author, stating that he/she is submitting the paper for publication in the *Journal of Chromatography B*. In the letter, possible reviewers may be suggested.

Electronic format requirements

We accept most wordprocessing formats, but Word, WordPerfect or LaTeX is preferred. Always keep a backup copy of the electronic file for reference and safety. Save your files using the default extension of the program used.

doi:10.1016/S1570-0232(04)00979-1

● Manuscript preparation

Manuscripts should be typed in *double spacing*. A 2-cm margin should be left on each side, an easily readable font (12 pt.) should be chosen. As a rule, papers should be divided into sections, headed by captions (e.g. Abstract, Introduction, Experimental, Results/Discussion and Conclusion).

Title

The title of the paper should be concise and informative. Since titles are widely used in information retrieval systems, care should be taken to include the key words. The title should be followed by the authors' full names, academic or professional affiliations, and the address of the laboratory where the work was carried out. If the present address of an author is different from that mentioned, it should be given in a footnote. Acknowledgements of financial support are not to be made in a footnote to the title or name of the author, but should be included in the Acknowledgements at the end of the paper.

Abstract

All articles should have an Abstract of 50–100 words which clearly and briefly indicates what is new, different and significant. No references should be given.

Introduction

Every paper must have a concise introduction that mentions what has been done before on the topic, with appropriate references, and that states clearly what is new in the paper now submitted.

Experimental

The Experimental section should contain sufficient information for others to repeat the experiments. Whereas general conditions can usually best be specified in the Experimental section, it is often better to give specific details in the figure captions. Appendix 1 lists what should typically be specified.

Tables and illustrations

Although appropriate tables and illustrations contribute to a clear and concise presentation of results, they should not merely repeat data already given in the text. References to the illustrations and tables should be included in appropriate places in the text by Arabic numerals.

Tables should be uploaded separately, and numbered according to their sequence in the text. A brief descriptive heading should be given with each table. Below the heading the experimental conditions should be described. The layout of the tables should be given serious thought, so that the reader can grasp quickly the significance of the results.

Figures and photographs should also be uploaded separately in a form suitable for reproduction. A detailed guide on electronic artwork is available on our website: http://authors.elsevier.com/artwork

You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats

Regardless of the application used, when your electronic artwork is finalised, please "save as" or convert the images to one of the following formats (Note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below.):

EPS:	Vector drawings. Embed the font or save the text as "graphics".
TIFF:	Colour or greyscale photographs (halftones): always use a minimum of 300 dpi.
TIFF:	Bitmapped line drawings: use a minimum of 1000 dpi.
TIFF:	Combinations bitmapped line/half-tone (colour or greyscale): a minimum of 500 dpi is required.
DOC, XLS or PPT:	If your electronic artwork is created in any of these Microsoft Office applications please supply "as is".

Please do not:

- Supply embedded graphics in your wordprocessor (spreadsheet, presentation) document;
- Supply files that are optimised for screen use (like GIF, BMP, PICT, WPG); the resolution is too low;
- Supply files that are too low in resolution;
- Submit graphics that are disproportionately large for the content.

All axes of graphs and chromatograms should be clearly labelled, with full quantitative data, equivalent information should be provided in the legend. Please note that any lettering should also be in a form suitable for reproduction. Lettering (which should be kept to a minimum) and spacing on axes of graphs should be such that numbers, etc., remain legible after reduction in size. The figures should preferably be of such a size that the same degree of reduction can be applied to all of them. The size of the figures should preferably not exceed the size of the text pages. Simple straight-line graphs (such as calibration lines) are not acceptable, because they can readily be described in the text by means of an equation or a sentence. Claims of linearity should be supported by regression data that include slope, intercept, standard deviations of the slope and intercept, standard error and the number of data points; correlation coefficients are optional. Standard symbols should be used in line drawings; the following are available to the typesetters and can also be used in the legends: filled or open squares, triangles, circles or diamonds, + or ×.

Photographs should have good contrast and intensity. Sharp, glossy photographs are required to obtain good half tones. References to the illustrations should be included in appropriate places in the text by Arabic numerals and the approximate position of the illustration should be indicated in the margin of the manuscript. Each illustration should have a caption, all the captions being typed (with double spacing) together on a separate sheet.

Free colour pictures and other supplementary material on the WWW

Authors may now submit colour pictures and other supplementary material along with their paper. If, together with the accepted article, usable colour figures are submitted then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in colour on the web (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in colour in the printed version. For colour reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article. For further information on the preparation of electronic artwork, please see http://authors.elsevier.com/artwork. The written permission of the author and publisher must be obtained for the use of any figure already published. Its source must be indicated in the legend.

Nomenclature, symbols, abbreviations and units

Widely accepted symbols, abbreviations and units (SI) should be used. If there is any doubt about a particular symbol or abbreviation, the full expression followed by the abbreviation should be given the first time it appears in the text. Abbreviations used in tables and figures should be explained in the captions. In general, the recommendations of the International Union of Pure and Applied Chemistry (IUPAC) should be followed and attention should be given to the recommendations of the Analytical Chemistry Division in the journal Pure and Applied Chemistry: Nomenclature for Chromatography, Pure Appl. Chem., 65 (1993) 819–872. Decimal points should be indicated by full stops. All decimal numbers smaller than unity should include a leading zero (e.g. 0.11).

References

References should be numbered in the order in which they are cited in the text, and listed in numerical sequence on a separate sheet at the end of the article. The numbers should appear in the text at the appropriate places in square brackets. In the reference list, periodicals [1], monographs [2], multi-author books [3], and proceedings [4] should be cited in accordance with the following examples:

[1] S. Chellam, M.R. Wiesner, J. Membrane Sci. 138 (1998) 83.
[2] T.R. Bott. Fouling of Heat Exchangers. Elsevier, Amsterdam, 1995.
[3] C.H. Foyer, in R.G. Alscher, J.L. Hess (Eds.), Antioxidants in Higher Plants. CRC Press, Boca Raton, FL, 1993, p. 31.
[4] A. Veide, C. Hassinen, D. Hallen, M. Eiteman, B. Lassen, K. Holmbert, in R.D. Rogers, M.A. Eiteman (Eds.), Proceedings of the American Chemical Society Symposium on Aqueous Biophasic Separation. Plenum Publishers, New York, NY, 1995, p. 133.

Abbreviations for the titles of journals should follow the system used by Chemical Abstracts. Articles not yet published should be given as "in press" (journal should be specified), "submitted for publication" (journal should be specified), "in preparation" or "personal communication".

Vols. 1–651 of the Journal of Chromatography; Journal of Chromatography, Biomedical Applications and Journal of Chromatography, Symposium Volumes should be cited as J. Chromatogr.

From Vol. 652 on, Journal of Chromatography A (incl. Symposium Volumes) should be cited as J. Chromatogr. A and Journal of Chromatography B as J. Chromatogr. B.

● Proofs

One set of page proofs in PDF format will be sent by e-mail to the corresponding Author, to be checked for typesetting/editing. No changes in, or additions to, the accepted (and subsequently edited) manuscript will be allowed at this stage. Proofreading is solely your responsibility. Elsevier will do everything possible to get your article corrected and published as quickly and accurately as possible. In order to do this we need your help. When you receive the (PDF) proof of your article for correction, it is important to ensure that all of your corrections are sent back to us in one communication. Subsequent corrections will not be possible, so please ensure your first sending is complete. Note that this does not mean you have any less time to make your corrections, just that only one set of corrections will be accepted.

● Reprints

Twenty-five reprints of Regular research papers, Reviews, Short Communications, Discussions, Technical Notes and Letters to the Editor will be supplied free of charge. Additional reprints can be ordered. The order form containing price quotations will be sent to the authors together with a copyright transfer form upon acceptance of the manuscript.

● Important information

– For information on editorial matters (including submission, reviews and revision of manuscripts) please contact: Editorial Office, *Journal of Chromatography*, P.O. Box 681, 1000 AR Amsterdam, The Netherlands; Tel.: (+31-20) 4852796; Fax: (+31-20) 4852304; E-mail: chrom-eo@elsevier.com

– For specific enquiries on the preparation of electronic artwork, consult http://www.elsevier.com/locate/authorartwork/

– Visit the Author Gateway from Elsevier (http://authors.elsevier.com) for the facility to track accepted articles and set up e-mail alerts to inform you of when an article's status has changed. The Author Gateway also provides detailed artwork guidelines, copyright information, frequently asked questions and more.
Contact details for questions arising after acceptance of an article, especially those relating to proofs, are provided when an article is accepted for publication

– For orders, claims and product enquiries; please contact the Customer Service Department at the Regional Sales Office nearest you:

Orlando: Elsevier, Customer Service Department, 6277 Sea Harbor Drive, Orlando, FL 32887-4800, USA; phone: (+1) (877) 8397126 [toll free number for US customers], or (+1) (407) 3454020 [customers outside US]; fax: (+1) (407) 3631354; e-mail: usjcs@elsevier.com
Amsterdam: Elsevier, Customer Service Department, PO Box 211, 1000 AE Amsterdam, The Netherlands; phone: (+31) (20) 4853757; fax: (+31) (20) 4853432; e-mail: nlinfo-f@elsevier.com
Tokyo: Elsevier, Customer Service Department, 4F Higashi-Azabu, 1-Chome Bldg, 1-9-15 Higashi-Azabu, Minato-ku, Tokyo 106-0044, Japan; phone: (+81) (3) 5561 5037; fax: (+81) (3) 5561 5047; e-mail: jp.info@elsevier.com
Singapore: Elsevier, Customer Service Department, 3 Killiney Road, #08-01 Winsland House I, Singapore 239519; phone: (+65) 63490222; fax: (+65) 67331510; e-mail: asiainfo@elsevier.com

Appendix 1: Experimental conditions to be specified

Experimental conditions should preferably be given on a separate sheet, headed "Conditions". These conditions will, if appropriate, be printed in a block, directly following the heading "Experimental".

General

Chemicals. Supplier (+ city/town, state, country) and degree of purity of all less common chemicals; EC number of enzymes; optical purity of enantiomers.

Equipment. Model and manufacturer (+ city/town, state, country) of commercial instruments (e.g. chromatographs and detectors). For instruments that are not commercially available, sufficient detail (or a reference) should be given to allow others to construct their own instrument. Detection parameters (e.g. type, wavelength, attenuation, linearity range, limit of detection at a specified signal-to-noise ratio).

Sample preparation. Application papers should contain full details (or a reference) of the method of sample preparation. For centrifugation steps, give details of g value and time. Injection device and volume and concentration of the injected sample should be specified.

Column liquid chromatography

Column. Column dimensions (length × internal diameter), manufacturer and location, packing material (for non-commercial columns or columns that are not widely used the chemical composition should be specified), particle diameter, pore diameter, column temperature.

Mobile phase. Complete and unambiguous description of the mobile phase composition or procedure for its preparation; pH; flow-rate; gradient programme.

k values. When reporting values, the method for determining the hold-up time (t_0) must be described.

Gas chromatography and supercritical fluid chromatography

Column. In addition to the parameters mentioned for column liquid chromatography, specify type of column (packed, capillary, etc.) support material, film thickness of the stationary phase, and surface modification, if applicable.

Carrier gas. Type, purity, flow-rate or inlet pressure (bar or MPa).

Temperature. All relevant temperatures (or temperature programmes) should be detailed.

Planar chromatography

Chamber. Internal dimensions, manufacturer and location, saturation, temperature, humidity.

Thin layer or paper. Manufacturer and location, material, dimensions, type (laboratory-prepared or commercially precoated) and thickness of layer, additives (fluorescent indicator, binder), position of starting line, development mode, method of activation.

Solvent. Composition of solvent, monophasic or upper or lower phase of two-phase mixture, total volume.

Sample. Application method, size of spot or streak, solvent and amount of solute and volume of solution applied.

Detection. Spray reagent, wavelength, details of colours, R_F values.

Electrophoresis

Matrix. For example, cellulose acetate, agarose, polyacrylamide; gel concentration; percentage cross-linker; dimensions and material of tube, sheet, etc., surface modification, length between column inlet and detector, temperature.

Buffers. Complete and unambiguous description of buffers used, pH and how the pH was set or adjusted.

Other. Injection method, voltage, current. In electropherograms, anode and cathode should be indicated.

Mass spectrometry

Inlet system. Direct on-line, off-line, postcolumn splitting, postcolumn buffer or matrix addition.

Source. Ionization energy, temperature, trap current, reagent gas. For LC interfaces, complete and unambiguous description of the same and their operating parameters (vaporizer and capillary temperature, buffers, nebulizing, auxiliary or ionizing gases, gas pressures, source and interface voltages, up-front CID voltages.

Mass analyzer. Accelerating voltage, scan mode, collision gas for tendem MS work, collision gas pressure, collision energy, resolution and mass range.

Detection. Electron multiplier voltage and/or electometer gain, ions monitored in SIM and dwell times.

Appendix 2: Conversion table for the non-SI units most frequently used

The use of some non-SI units has been accepted for practical reasons; to this category belong units for time (min, h), volume (l), pressure ($1\ \text{bar} = 10^5$ Pa), temperature (°C), energy ($1\ \text{eV} \approx 160\,219 \cdot 10^{-21}$ J), mass ($1\ \text{u} \approx 1.66053 \cdot 10^{-27}$ kg) and activity ($1\ \text{Ci} = 3.7 \cdot 10^{10}$ Bq). This journal also accepts Å ($= 0.1$ nm). Concentration should formally be expressed in mol dm^{-3} or mol l^{-1}, but the symbol M is accepted; normality (N) should not be used, however. The frequently used "daltons" are not compatible with the SI system — the relative molecular mass (M_r) should be given as a value only (dimensionless). Gravitational force must be expressed in g; rpm is not allowed for centrifugation (but it is, e.g., for vortex mixing). The table below summarizes some conversion factors; to obtain the value in SI units, the value in non-SI units should be multiplied by the factor.

Physical quantity	Type of conversion	Factor
Length	in. → cm	2.54
	ft. → cm	30.4801
Area	$in.^2 \rightarrow cm^2$	6.451626
Mass	lb. → kg	0.45359237
Volume	gallon (USA) → l	3.785332
	gallon (UK) → l	4.54609
Pressure	atm → Pa	101 325
	mmHg or Torr → Pa	133.322
	$mmH_2O \rightarrow Pa$	9.80665
	$kp\ cm^2 \rightarrow Pa$	98066.5
	$lbs.\ in.^{-2}$ or p.s.i. → Pa	6894.76

Other frequently used non-SI "units" are ppm, ppb and ppt. When used in this journal, the American billion (10^9) and trillion (10^{12}) are meant. The use of ppm, ppb and ppt is *only* permitted if they refer to mass/mass or volume/volume ratios; they should **not** be used for mass/volume ratios. The first time such a "unit" appears in an article, it should be indicated whether it refers to mass/mass or to volume/volume.

Appendix 3: Abbreviations and symbols that may be used without definition

Abbreviations and symbols should not be used in article titles. Please note that most abbreviations should only be used in combination with a value, or in structural formulae.

Abbreviations

A, C, G, T	adenine, cytidine, guanine, thymine
Ac, OAc	acetyl, acetate
A/D	analog-to-digital
ADP, AMP, ATP, and similar nucleoside phosphates	adenosine 5′-di-, -mono-, triphosphate, etc.
a.c.	alternating current
amino acids	standard 3- and 1-letter codes
AU	absorbance units
BET	Brunauer—Emmett—Teller
b.p.	boiling point
Bu	butyl
cpm	counts per minute
CE	capillary electrophoresis
d, m, p, r, t (in nucleosides/ nucleotides/nucleic acids)	deoxy, messenger, phosphate, recombinant/ ribosomal, transfer
d.c.	direct current
DDD, DDT, DDE	di-, trichloro-bis(chlorophenyl)ethane, -ethylene
DEAE	diethylaminoethyl
DNA, DNase	deoxyribonucleic acid, deoxyribonuclease
Dns, dansyl	5-dimethylaminonaphthalene-1-sulfonyl
DOPA	3,4-dihydroxyphenylalanine
dpm	desintegrations per minute
EC	enzyme commission numbering system
EDTA	ethylenediaminetetraacetate, -acetic acid
equiv.	equivalent
Et	ethyl
FS	full scale
FSOT	fused-silica open tubular
FT	Fourier transform
GC, GLC, GSC	gas chromatography, gas–liquid chromatography, gas–solid chromatography
HP...	high-performance...
I.D.	internal diameter
IgG	immunoglobulin G
i.m.	intramuscular
i.p.	intraperitoneal
IR	infrared
I.S.	internal standard
I.U.	international unit

i.v.	intravenous
LC	liquid chromatography
LD	lethal dose
Me	methyl
m.p.	melting point
MS	mass spectrometry
NAD, NADH (NADP, NADPH)	nicotinamide—adenine dinucleotide (phosphate)
NMR	nuclear magnetic resonance
O.D.	outer diameter
Ph	phenyl
Pr	propyl
PTFE	poly(tetrafluoroethylene)
RNA, RNase	ribonucleic acid, ribonuclease
RP....	reversed-phase....
rpm	revolutions per minute
RSD	relative standard deviation (preferred over coefficient of variation)
SD	standard deviation
TLC	thin-layer chromatography
Tris	tris(hydroxymethyl)aminomethane
u	atomic mass units (reference to mass of ^{12}C; preferred over a.m.u./amu: reference to mass of ^{16}O)
UV	ultraviolet
vol., v/v	volume, volume/volume
Vis	visible
WCOT	wall-coated open tubular
wt., w/w, m/m	mass, mass/mass

Symbols

A	peak area or absorbance
α	separation factor
D	diffusion coefficient
d_f	film thickness
d_p	particle diameter
ε	interparticle porosity or molar adsorptivity
F	mobile phase flow-rate
ΔG^o	standard Gibbs free energy change
ΔH^o	standard enthalpy change
H	plate height
h	reduced plate height
J	coupling constant
K	equilibrium constant
k	retention factor
K_c	distribution constant (preferred over partition coefficient)
L	length
λ	wavelength
M_r	(relative) molecular mass
μ	electrophoretic mobility
N	number of plates
n	number of determinations
η	viscosity
p	pressure or probability
P	relative pressure
p...	negative logarithm of... (as in pH, pI, pK_a)
r	relative retention or correlation coefficient
R	molar gas constant
R_F	retardation factor
R_M	log $(1/R_F - 1)$
R_s	resolution
ρ	density
ΔS^o	standard entropy change
S/N	signal-to-noise ratio
T	temperature
t	time
t_0	retention time of unretained compound
t_R (t'_R)	(adjusted) retention time
u	mobile phase velocity
V_0	retention volume of unretained compound

V_R (V'_R)	(adjusted) retention volume
w_b	peak width at base
w_h	peak width at half height

The complete and regularly updated version of the Instructions to Authors can be found on the homepage of the Journal of Chromatography B: http://www.elsevier.com/locate/chromb